Samia Marsili



Sexualidade infantil

Kírion



Samia Marsili

Sexualidade infantil

KÍRION

Sexualidade infantil
Samia Marsili
1ª edição — janeiro de 2022 — CEDET
Copyright © Samia Marsili 2022

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor

Sob responsabilidade do editor,
não foi adotado o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Editor:
Felipe Denardi

Copydesk:
Lucas Lima

Preparação de texto:
Beatriz Mancilha

Capa:
José Luiz Gozzo Sobrinho

Diagramação:
Frederico Neves

Revisão de provas:
Marília Magalhães
Natalia Ruggiero
Tamara Fraislebem

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Av. Comendador Aladino Selmi, 4630
Condomínio GR Campinas 2 — módulo 8
CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas-SP
Telefones: (19) 3249–0580 / 3327–2257
e-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book
CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761
Phone Number: (407) 745-1558
e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

Marsili, Samia.
Sexualidade infantil / Samia Marsili;
Campinas, SP: Kírion, 2022.

isbn 978-65-87404-34-9

1. Educação sexual 2. Educação sexual
3. Educação das crianças I. Autor II. Título

cdd 372-372 / 613-95 / 649

Índices para catálogo sistemático:
1. Educação sexual – 372-372
2. Educação sexual – 613-95
3. Educação das crianças – 649

Sumário

INTRODUÇÃO O REI ESTÁ NU!

PARTE I

1 Tocar no assunto

2 Afetos e virtudes

3 Fortaleza e temperança

4 Um grande coração

5 Harmonia familiar

Livros sobre virtudes

PARTE II

1 O amor humano e o dom de si

2 Diálogo personalizado

PARTE III

1 Os mistérios da vida

2 A importância do pudor

3 A contracepção na vivência da sexualidade

4 Masturbação e pornografia

CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO O REI ESTÁ NU!

O tema de que falaremos neste livro é bastante controverso. Nos últimos tempos os noticiários têm trazido à tona muitas histórias de abusos infantis e pedofilia. Um caso particularmente triste foi o de uma menina de dez anos que era violentada pelos tios. Uma monstruosidade sem par. Diante de tantas tragédias, como nós pais reagimos? Ficamos preocupados, pois é inquietante a idéia de os nossos filhos estarem em perigo. Por isso quero abordar as dificuldades que podem aparecer quando tentamos cuidar da sexualidade dos nossos filhos.

Existem duas maneiras pelas quais as informações do mundo exterior chegam até nós, por dois sentidos: pela visão e pela audição. As informações da visão vêm todas quase como um golpe. Quando subimos ao alto de uma montanha e de lá olhamos para as coisas que estão embaixo, abarcamos com a vista toda a paisagem e reconhecemos os objetos que a compõem. Se fixamos os nossos olhos em uma cadeira, também sabemos imediatamente qual é sua serventia. O sentido da visão tende a ser menos enganoso conosco. É verdade que não conseguimos, num único olhar, ver todas as dimensões de nenhum objeto, porém podemos muito facilmente saber sua finalidade.

Já o sentido da audição é um pouco diferente. Os sons que escutamos são emitidos por algo ou alguém. Muitos deles são apenas barulhos incompreensíveis, mas não é este o nosso ponto aqui; falamos do que compreendemos racionalmente, das mensagens que nos são enviadas por interlocutores. Sempre confrontamos as coisas que outras pessoas dizem com os nossos pensamentos, percepções e lembranças, e as informações nunca são suficientemente claras para nós — diferente do que acontece com o sentido da visão.

Durante as nossas conversas é comum (principalmente quando nós mulheres discutimos algum tema delicado) definirmos mentalmente o que vamos dizer ao nosso interlocutor sem nem mesmo terminarmos de ouvir o que ele tem a dizer. Fazemos isso o tempo todo. Para podermos escutar o que nos dizem é preciso termos um coração receptivo, e humilde (a humildade é a virtude que nos ajuda a saber exatamente o que somos e o que não somos). Uma pessoa que esteja consciente da própria inteligência, seja por ter conseguido passar em um concurso para a magistratura, por ser uma boa médica ou por qualquer outra coisa do gênero, não falta com a humildade ao dizer que é inteligente. Pelo contrário, é humilde ao reconhecer as capacidades que possui. Também é igualmente humilde alguém desorganizado que reconheça ter dificuldades com organização. A humildade consiste em reconhecermos os nossos defeitos e qualidades, sem os aumentar nem diminuir.

Nesta obra, trataremos de vários assuntos já esperados, como a masturbação, a pornografia, o melhor momento para falar sobre sexualidade com o seu filho, a forma como isso pode ser feito e o que deve ser dito a ele. Para tanto, será necessário rastrearmos as origens das nossas idéias, fazendo algumas perguntas como estas: Quantas vezes já pensei no assunto da sexualidade? De onde vem a idéia de que devo ou não tomar banho com os meus filhos? De que modo formei minha concepção sobre os benefícios ou malefícios da masturbação? Qual é a procedência do meu pensamento de que todos os meus filhos homens precisam ter várias parceiras antes do casamento? O que me fez pensar que os meus filhos têm de viver a castidade? Precisamos nos esforçar um pouco para chegar às origens das nossas crenças e opiniões. É importante que você reflita sobre a verdadeira fonte da idéia de que é bom para os filhos verem pornografia, ou de que o aborto e a mudança de sexo são coisas boas. As nossas convicções, que temos por certas e cuja origem julgamos ser as nossas próprias cabeças, vêm na verdade de outros lugares, de pessoas com quem conversamos, de livros que lemos e, muitas vezes, da mídia e das

redes sociais — onde certas instituições internacionais as veiculam — sem que percebamos. Não faz muito tempo eu ouvi, por exemplo, um médico dizer que masturbação é algo comum em crianças a partir de um ano de idade. Um absurdo. Mas, na verdade, o tal médico estava simplesmente repetindo o que a Sociedade Brasileira de Pediatria prescreveu. Ele deve ter pego alguns dados, ou isolado algo que tenham falado, e então repetido, sem saber ao certo o que significa a masturbação, ou se uma criança, nessa idade, de fato tem desejos sexuais. Isso é perturbador: médicos, enfermeiros, professores e pais influenciam as mentes de adolescentes e de outros pais, professores e assim por diante. Falam de idéias cuja origem sequer conseguem imaginar.

Pode ser que muitas das coisas que exporei aqui se choquem com as que você ouve, e que são repetidas como ladainhas. Quero, portanto, que adote uma atitude de escuta e de espera, e evite tirar conclusões antes de terminar a leitura, para só depois disso fazer a confrontação entre o que foi dito aqui e as idéias correntes em nossa sociedade. Se o que eu disser aqui for de encontro ao que você acredita ser o certo, peço que se acalme e que, diante da minha exposição, tenha a mesma atitude de intelectuais que investigam algum assunto: faça o possível para se abster de preconceitos, meditar sobre o que está lendo, confrontar o que já sabe com o que está aprendendo e, por meio desse processo dialético, decidir no que acreditar e o que considerar verdade. Preciso que você esteja aberto à realidade. Boa parte do que vou falar ao longo deste livro é facilmente identificável na sua própria vida. Será necessário ter paciência para ouvir o óbvio — que mesmo assim precisa ser dito, porque muitas vezes é ignorado.

De modo geral, não paramos um minuto sequer para pensar em sexualidade. Muitos dos meus leitores talvez estejam pensando nisso pela primeira vez em suas vidas (e, entre estes, muitos têm filhos já na idade em que é necessário conversar sobre o assunto).

Gosto de lembrar aquela fábula da "roupa nova do imperador". Nesse texto, fica evidente a incapacidade de vermos, dizermos e confessarmos o óbvio. Dificilmente conseguimos fazer isso, pois temos um sem-número de idéias que nos impedem de enxergar com clareza as verdades ululantes. No caso da fábula do rei, as pessoas temiam não ser consideradas inteligentes e perder seus empregos apenas por falar o óbvio. Foi assim até o momento em que apareceu uma criança, que não tinha os mesmos impedimentos dos adultos, para dizer as coisas como realmente as percebia: o rei estava nu! Antes de falarmos sobre sexualidade, recomendo que vejam o vídeo "CNNapple ad: this is an apple, not a banana",[1] que mostra como muitas vezes olhamos para o rei e vemos que ele está nu, mas não falamos nada por termos em mente outras coisas que nos dizem o contrário: "Não, ele não está nu, mas sim vestido com uma roupa que só os inteligentes podem ver"; "não, se eu disser que não estou vendo a roupa, dirão que sou burro e preconceituoso". A mesma coisa acontece com esse vídeo, que é impactante apesar de sua simplicidade.

Veremos, ao longo deste livro, como diversas vezes tentamos fugir da realidade, dizendo: "É uma banana", quando, na verdade, precisamos conseguir dizer o que vemos com os nossos próprios olhos.

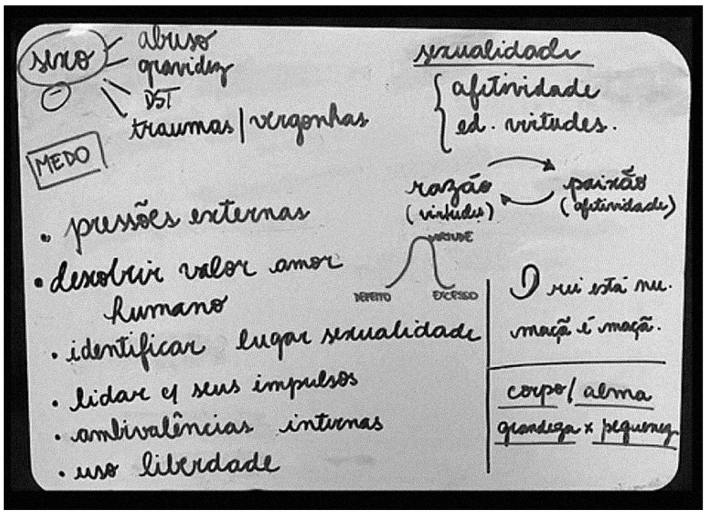
Parte I

1 Tocar no assunto

Os pais são os primeiros educadores das crianças, portanto são os responsáveis por tomar as primeiras decisões relativas às vidas delas. Neste primeiro capítulo, minha idéia é dar uma base antropológica para que você possa, por si mesmo, identificar e

resolver os seus problemas. Sei que alguns leitores dirão que será preciso ler muitos outros livros para encontrar e aplicar soluções de maneira eficaz, e admito que eles não estão de todo errados; entretanto, aqui eu faço uma síntese de tudo o que já li sobre o assunto e tento repassá-lo assim. Não ficaremos só na teoria, abordaremos também a parte prática.

O tema da sexualidade muitas vezes surge impregnado de maldade, com intenções ocultas, sendo falsos tanto um suposto benefício para a criança, como o desejo de dar os meios necessários para ela se desenvolver física e emocionalmente. Há muitas instituições — como a Sociedade Americana de Pediatria, a Sociedade Brasileira de Pediatria, a Planned Parenthood, entre outras — que pontificam a respeito do que as escolas devem ou não ensinar sobre sexualidade, e devemos entender que é comum haver segundas intenções por trás de suas diretrizes. As minhas intenções com esta obra, pelo contrário, estão bastante claras. Este quadro, que costumo usar com os meus filhos, mostra o que intento aqui:



À esquerda, o quadro mostra o que pretendo ao escrever um livro sobre sexualidade infantil. Como podem ver, os objetivos são: ajudar a descobrir o valor do amor humano e a compreender o lugar da sexualidade na formação das crianças. Em seguida, mostrar como os pais podem ensinar os filhos a lidar com os

próprios impulsos e ambivalências internas. Também falarei sobre como a criança pode usufruir da liberdade, e definirei se isso é um ponto de partida ou uma conquista. Por último, farei comentários sobre as pressões externas e as melhores maneiras de resistir a elas.

No passado, mesmo que uma família não desse educação explicitamente sexual para os filhos, a própria cultura mantinha vivos os valores fundamentais. As pessoas eram mais conscientes quanto à intimidade e aos cuidados com o corpo, era mais raro os casamentos terminarem em divórcio, a anticoncepção não era estimulada como é hoje, e havia menos riscos de se contrair DSTs. Depois de um tempo, essas coisas se alastraram por nossa sociedade, de tal modo que hoje em dia não temos modelos de amor humano. Os valores fundamentais aos poucos foram destruídos. Hoje, os pais se sentem despreparados para responder às perguntas que os filhos fazem, como, por exemplo, se eles podem ter relações sexuais antes do casamento, o que é o sexo, se a pornografia é lícita e se traz algum mal, ou se a masturbação é fisicamente maléfica. Há muitos adolescentes que pensam que a masturbação causa espinhas no rosto, e a essas coisas os pais, em muitos casos, não sabem responder — às vezes, até mesmo os médicos e educadores não sabem responder a esse tipo de pergunta. As crianças ficam, então, sem respostas claras.

Geralmente é de modo impessoal que os adultos respondem às dúvidas das crianças. Nem tudo será perguntado ao professor em uma aula de educação sexual no colégio, pois caso contrário os alunos exporiam sua intimidade e ficariam ainda mais inseguros. Com isso, muitas vezes, as respostas serão procuradas nos lugares errados, e as informações obtidas tenderão a ser complicadas demais ou incompletas, e normalmente se focarão apenas na dimensão física, de que falaremos mais adiante. O fato de nós termos um corpo, é claro, não é o problema aqui, mas sim não sabermos que o ser humano não se resume a isso: também temos

uma alma, e a sexualidade se integra tanto à vida física como à vida espiritual.

O sexo, em vez de ser considerado desejável e parte da vivência humana saudável, hoje é abordado de forma predominantemente negativa, sendo visto, na maioria das vezes, pelas lentes do pessimismo e do temor. As pessoas querem evitar tudo, os abusos, as DSTs, a gravidez, os traumas e a vergonha. Essa atmosfera de medo em que envolveram as relações sexuais só gera insegurança nas crianças e nos adolescentes.

Tudo isso traz, também, uma idéia muito individualista da "liberdade" humana. Ninguém pensa senão no próprio bem, pondo o "eu" à frente de todas as coisas. Por exemplo, muitas mulheres não querem engravidar porque acham que a gravidez afetará a aparência de seus corpos, ou por não quererem abdicar do sexo, ou mesmo por acharem que os filhos prejudicariam suas carreiras. A vivência da sexualidade hoje é bastante doentia, foi deturpada. O sexo, na verdade, é uma realidade que comporta necessariamente duas pessoas, e que pressupõe receptividade entre ambas.

Às vezes as escolas falam de educação sexual para as crianças sem avisar os pais previamente. Já ouvi vários relatos de crianças que chegavam em casa, depois de uma dessas conversas sobre sexo promovidas pelas escolas, e contavam que estavam com nojo dos pais ou que sentiam pena deles por eles fazerem "aquilo" juntos. Essa é uma maneira muito triste de mostrar a sexualidade para as crianças. Como falei anteriormente, apenas a parte biológica e corpórea lhes é apresentada, e nada é dito a respeito da vivência espiritual. Se desvencilharmos uma coisa da outra, tudo é entendido do jeito errado. Nós pais precisamos educar os nossos filhos. Não basta os colocarmos no mundo, eles devem ter boa educação para ser felizes, desenvolver plenamente as suas habilidades e atenuar os próprios defeitos.

Se souber que o assunto “sexualidade” será abordado no colégio dos seus filhos de modo veterinário, tome a dianteira, para que as crianças possam ir à escola já “sabendo a matéria”. Assim, elas terão segurança quanto ao assunto, porque, além de saberem o que será dito, confiarão no que os pais lhes ensinaram. É interessante saber o que vai ser passado na escola e de que maneira isso será feito; veja os livros didáticos, converse com os professores, pergunte quando vai ser a aula. Desse modo, você já pode começar a dar aos seus filhos explicações sobre o assunto, mas com um ar de reverência, de uma forma humana, com clareza e delicadeza. Depois que a aula tiver sido dada, você procura saber como tudo ocorreu.

2 Afetos e virtudes

A primeira coisa que deve ser objeto da educação é a afetividade dos nossos filhos, pois os sentimentos, mais tarde, farão parte da sexualidade. Educar a afetividade quer dizer disciplinar as emoções. Se criamos um ambiente emocional fortificado e firme, aberto ao diálogo, conseguimos falar com muito mais facilidade sobre os mistérios da vida, as dificuldades na sexualidade, e a grandeza e o sentido do amor humano. Além da educação da afetividade, das “paixões”, é necessário darmos aos nossos filhos a educação das virtudes, que é a da razão. A paixão e a razão precisam estar juntas, andando pelo mesmo caminho, em direção ao mesmo objetivo, para que, assim, tenhamos uma boa vida moral.

As virtudes são atitudes humanas e disposições estáveis, perfeições habituais do entendimento e da vontade, que regulam os nossos atos e ordenam as nossas paixões. Existem quatro virtudes principais: a *prudência*, a *justiça*, a *fortaleza* e a *temperança*. Gostaria de dar enfoque especial, primeiramente, à virtude da fortaleza: é a fortaleza que nos ajuda a resistir às

tentações e a superar os obstáculos da vida moral. Portanto, é uma virtude que se relaciona com a sexualidade. Se formarmos nosso filho na fortaleza, ele saberá lidar com os próprios medos, suportar as provações e perseguições, e conseguirá aceitar a renúncia e o sacrifício. Temos, com freqüência, dificuldade em falar para um adolescente que ele pode ter relações sexuais apenas com uma pessoa, no casamento, e não com várias. Se não educarmos nossos filhos para que eles tenham a virtude da fortaleza e sejam capazes de se sacrificar por um bem maior, eles nunca entenderão o valor dessa verdade.

Outra virtude de que eu gostaria de falar é a da temperança, a que modera a atração pelos prazeres e procura o equilíbrio no usufruto dos bens materiais, e, por isso, também tem relação com a sexualidade. Precisamos moderar os prazeres no comer, no beber e, como é óbvio, no sexo também. Não podemos simplesmente decidir que teremos relações sexuais com qualquer um, de qualquer maneira, independentemente de sua vontade. A temperança é a virtude que nos ajuda a dominar os instintos. Certa vez, vi uma disposição simbólica que achei muito interessante: Deus nos fez bípedes para que nossas cabeças ficassem acima do coração, e ambos acima do ventre e do sexo. É uma maneira de pensarmos as coisas, que precisam de ordem e hierarquia. O coração, o ventre e o sexo podem estar ordenados afetivamente para auxiliar o funcionamento da razão. E tudo trabalhará em conjunto. Educar a criança na virtude da temperança, desde os primeiros anos de vida, vai fazer com que ela viva a própria sexualidade de modo muito mais saudável.

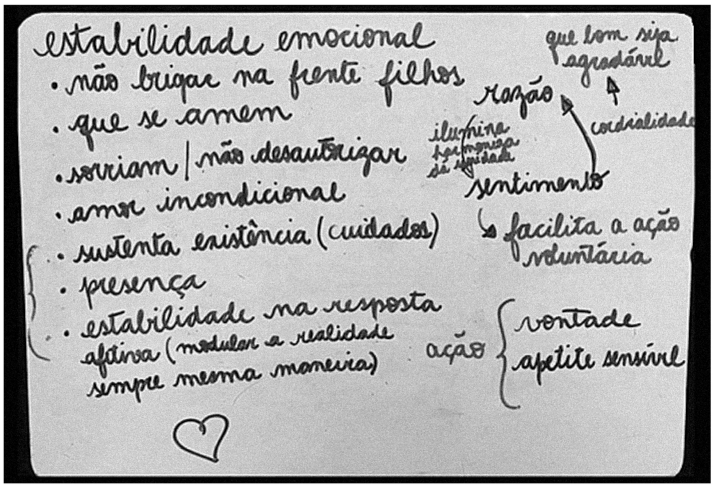
É comum ouvirmos que “a virtude está no meio” e consiste em “equilíbrio”, e geralmente achamos que isso quer dizer que podemos ser mais ou menos virtuosos. Não é bem isso. A virtude que está “no meio” está precisamente no cume, entre o defeito e o excesso (como mostra a imagem, no centro). Quando queremos ser pontuais, mas sempre nos atrasamos, temos um defeito; quando somos excessivamente pontuais, e nos irritamos com as

pessoas que não o são, faltando com a caridade em relação a elas, também temos um defeito e, portanto, também não estamos vivendo a virtude da pontualidade. Neste caso, a virtude consiste em viver a pontualidade de maneira excelente, sabendo respeitar, compreender e entender o próximo, estando cientes de que, sem a pontualidade, atrapalhamos as outras pessoas e assim por diante. Nunca é problemático sermos "virtuosos demais", porque ser virtuoso de verdade quer dizer viver seguindo a máxima "a virtude está no meio". Estimular os nossos filhos a serem virtuosos é maravilhoso e os ajuda a ordenar a razão, a coadunar o que querem fazer com o que deve ser feito.

Tudo isso diz respeito à razão. Mas onde entra a paixão? Ela serve justamente para colocar uma pitada de cordialidade e afeto na vida, porque, se vivêssemos apenas segundo os ditames da razão, não fazendo nada senão o estritamente necessário, tudo seria muito ruim. Modular os afetos é de suma importância para que vivamos ordenada e alegremente, e a afetividade e os sentimentos se formam sobretudo na infância. O equilíbrio emocional ajuda na formação da inteligência e da vontade das crianças. Para conseguir ensinar os nossos filhos a terem esse equilíbrio, precisamos nós mesmos ser equilibrados.

Devemos, portanto, ter equilíbrio emocional e propiciar um bom ambiente para os nossos filhos, a fim de que eles consigam ser pessoas emocionalmente estáveis. Para tanto, temos de fazer cessar as brigas entre eles, parar de maldizer os outros e não desautorizar o cônjuge na presença deles. Também deve ficar patente que o amor entre a mamãe e o papai é mais importante do que o amor entre pais e filhos. Alguns de vocês talvez digam que isso é muito difícil, e eu reconheço que é verdade, mas a inexistência — ou a manifestação incorreta — de amor entre os cônjuges mina a confiança dos filhos. Essa ambiência favorável contribui muito para que os nossos filhos falem do que lhes é incômodo. Independentemente do que eles tenham a nos dizer, por mais difícil que seja, saberão que podem contar conosco para os ajudar

a solucionar e compreender seus problemas. O cuidado que lhes dispensamos os torna mais seguros, fazendo-os ver que há algo estável na existência, pois sabem que os pais são seu porto seguro e que com eles podem contar, aconteça o que acontecer.



Outro ponto importante é a estabilidade na resposta afetiva. Muitas vezes somos instáveis ao responder. Por exemplo, nas vezes em que o nosso filho faz uma besteira, respondemos ora alegres, ora irados. Em um momento dizemos coisas como: “Tudo bem, meu filho, sem problemas”; porém, em outro, a resposta é: “Não é possível! Sai de perto de mim!”. Responder de acordo com sua variação emocional é algo desastroso.

Precisamos modelar a realidade para os nossos filhos, e fazer isso sempre da mesma maneira.

Tempos atrás foi feito um estudo em que havia, dentro de uma creche, um grupo de crianças, uma professora e uma pessoa trocando a lâmpada da sala. No momento de trocar a lâmpada, a pessoa a deixava cair. Isso foi feito repetidas vezes para ver qual seria a reação das crianças, se elas olhariam para a lâmpada que caiu, para o rapaz que a estava trocando, ou se prestariam mais atenção no barulho da queda. O que todas as crianças fizeram foi olhar para a professora, que era o adulto responsável por moldar a realidade para elas naquele momento. “O que vocês vão fazer,

agora que a lâmpada caiu?", diria a professora. "Não se preocupem, está tudo bem, vamos continuar fazendo a atividade". Ou então: "Vamos ver como está o rapaz"; "vamos ver se teremos de limpar os cacos da lâmpada quebrada".

Os nossos filhos esperam por essa estabilidade nas respostas que lhes damos. Se somos desatentos e a cada hora acharmos algo diferente — como, por exemplo, quando o filho nos mostra um desenho e o achamos lindo, mas, tempos depois, ao vermos novamente o mesmo desenho o achamos horrível, por estarmos, talvez, ocupados e estressados —, não daremos estabilidade afetiva para eles, e os deixaremos inseguros a ponto de, depois, já adolescentes, quando tiverem dúvidas a respeito da sexualidade, não conseguirem confiar em nós. Temos de ser vetores de segurança emocional.

Educar a afetividade dos nossos filhos significa ajudá-los a compreender os próprios sentimentos e disposições interiores, e possibilitar a eles dar a todas as coisas os seus devidos nomes. "Meu filho, o que você está sentindo é medo; o que você está sentindo é insegurança; o que você está sentindo é irritação. Sabe como lidar com o medo, a insegurança, a irritação? Vem cá, que irei ajudar você". Esse é o nosso papel.

Podemos modular a afetividade dos nossos filhos de variadas maneiras. À medida que essas reações, que surgem dos sentimentos que lhes aparecem no peito, se tornam cada vez mais freqüentes, transformam-se também em parte do caráter deles. O caráter não é algo inato; ele é formado no decorrer do tempo, pelas circunstâncias vivenciadas e por nossas reações a elas. Precisamos, então, aprender a ensinar os filhos a darem respostas proporcionais às situações. "É necessário reagir assim? Não, não é necessário. Vamos dar novas feições a essa reação". Um bom livro de literatura, um bom filme (para os filhos mais velhos), histórias de aventura, de suspense, um relato romântico — tudo isso ajuda as crianças a aprenderem a ordenar os seus movimentos interiores.

Se mostramos aos nossos filhos um livro ou filme que os deixe indignados ante alguma injustiça, compadecidos dos sofrimentos de pessoas que enfrentam grandes dificuldades, impressionados com sacrifícios e atos de heroísmo, nós os ajudamos a ordenar os próprios sentimentos e a agir proporcionalmente a cada situação que se lhes apresenta.

Pelo contato com esses filmes e livros, vemos que do coração humano podem sair coisas absurdas, como as ações de um tirano, ou coisas maravilhosas, como os feitos de um santo. Temos de direcionar tanto a virtude quanto a afetividade, para que saiam do coração apenas coisas boas. Veremos que, em certa medida, todos esses aspectos se relacionam com a sexualidade, cuja vivência não pode ser dolorosa. Estimular na criança o gosto estético, a capacidade de distinguir entre o que tem qualidade e o que é ruim, direcionar sua afetividade ao que realmente importa, são coisas que a ajudam a lidar com as influências externas negativas — músicas, filmes ou imagens ruins — e a naturalmente as rechaçar. É importante, portanto, nessa fase inicial da vida, que as crianças sejam expostas a obras esteticamente belas, para sentirem estranheza e repulsa no momento em que forem apresentadas a coisas ruins.

Vejamos agora, de maneira ainda um pouco mais prática, como ajudar nossos filhos a desenvolverem aquelas virtudes, da fortaleza e da temperança.

3 Fortaleza e temperança

Como vimos, para darmos aos nossos filhos uma sexualidade bem formada, precisamos de duas coisas: educar a afetividade, e educar as virtudes. Falemos um pouco mais, na prática, da educação das virtudes, pois ela não será apenas uma intervenção pontual, restrita àqueles momentos em que seu filho tiver problemas com a

sexualidade. A educação das virtudes deve ser contínua, uma construção de recursos para que as crianças consigam lidar com os seus impulsos sexuais.

Enfatizei a educação da fortaleza e da temperança. A primeira tem dois braços: a capacidade de resistir às tentações e a de realizar tarefas difíceis. É possível educar os filhos na fortaleza desde muito cedo, mas, obviamente, enquanto ainda são pequenos, não serão formados na virtude em si, porque esta exige uma vontade própria de quem a cultiva. Ainda assim, nós, enquanto pais, os ajudaremos a adquirir hábitos que posteriormente facilitem a vivência da virtude.

O papel dos pais é auxiliar os filhos a executarem atos de vontade. A vontade é a faculdade humana que fica entre o que se quer fazer e o que se faz realmente. Entre o *querer* e o *fazer* há um hiato, e é nesse hiato que a vontade trabalha. Quando os filhos são pequenos, a faculdade humana chamada "vontade" quase não funciona. É apenas lá pelos sete anos de idade, a idade da razão, que ela começa a aparecer realmente. Antes disso, a vontade é ainda muito débil, e por isso não é sensato exigir, dos filhos ainda pequenos, decisões que demandem a vontade deles ou discernimento do que é certo e do que é errado. A vontade da criança só se abre à medida que ela amadurece.

Para de fato haver uma pessoa virtuosa é necessário que a faculdade humana da vontade esteja funcionando. É preciso, para que os filhos comecem seu processo de crescimento, proceder como se costuma fazer com aquelas plantinhas que precisam de uma estaca para crescer enquanto as raízes se aprofundam no solo. Conforme essas raízes se tornam mais profundas, isto é, à medida que a vontade começa realmente a funcionar e a aparecer, surge a possibilidade de se retirar a estaca para que o crescimento continue por si mesmo. Enquanto as raízes não estão suficientemente profundas, os pais precisam auxiliar os filhos a tomarem as melhores decisões. Aqui entram os hábitos que

ajudam as crianças na vivência da virtude da fortaleza. Há uma enorme lista de hábitos que ajudam nesse sentido, e certamente eles se entrelaçam com os hábitos que auxiliam a vivência da temperança, e que depois vão constituir essa virtude.

Comer de tudo — não necessariamente comer tudo o que é posto no prato, mas sim comer *de tudo um pouco* — ajudará a criança, mais para a frente, no desenvolvimento da fortaleza, por evitar que ela crie o hábito de comer apenas o que está de acordo com o apetite sensível imediato. Conforme ela for crescendo, os pais podem ajudá-la com seus hábitos alimentares, ensinando-a a comer não apenas os alimentos de que mais gosta.

Além disso, para desenvolver a virtude da fortaleza, uma coisa boa é, num almoço em família, no qual todo mundo sai comendo de tudo e pegando os melhores pedaços, ao ser posta a mesa, estimular os nossos filhos a deixar todos se servirem primeiro, para que eles fiquem com os piores pedaços. Ou então, quando o pai não está em casa, por exemplo, uma coisa muito boa a se fazer é ensiná-los a guardar a sobremesa para que o papai, quando chegar, possa comer também. (Isso acontece com muita freqüência na minha casa, e por isso os meninos já se acostumaram a pensar também nos irmãos).

Uma outra coisa benéfica é estabelecer horários fixos para comer, dormir e se higienizar; afixar uma ordem temporal, no sentido de que uma coisa vem depois da outra; assentar uma ordem organizacional, quer dizer, guardar tudo em seu devido lugar; ter como hábito sempre terminar o que se começou, pois muitas vezes as crianças começam a brincar mas logo desistem e partem para outra coisa, deixando tudo bagunçado.

Quanto aos estudos, é comum os pais dizerem para as crianças irem estudar no quarto, sozinhas, e para saírem de lá somente quando tiverem terminado tudo. Daí elas ficam lá por uma, duas, três horas... e nada. Claro que elas não passam todo esse tempo

fazendo o dever de casa, mas sim criando o terrível hábito da enrolação, de fazer as coisas malfeitas. Isso vai contra a virtude da fortaleza. Se a criança tem um dever de casa para fazer, é melhor sentarmos com ela e a ajudarmos a fazer o exercício, colocando nisso o máximo de empenho possível e, depois, quando acabar o nosso tempo, simplesmente pararmos. São coisas muito pequenas, cuja importância subestimamos. Olhamos para a educação dos filhos — dos menores, sobretudo — com um olhar muito obtuso, não vendo que dedicar maiores cuidados e redobrar a atenção aos seus problemas pode ser imensamente benéfico. Ao estimularmos em nossos filhos a virtude da fortaleza, daremos a eles a oportunidade de melhorar o próprio caráter. Podemos, inclusive, deixar isso claro para eles. Em vez de falarmos: "Comam tudo para ficar fortinhos", podemos dizer: "Comam tudo para que fiquem fortes *na cabeça*. Quando nos obrigamos a comer algo que não queremos, ficamos mais fortes mentalmente". Quando meus filhos conseguem fazer isso, eu lhes digo: "Agora vocês estão muito mais fortes do que antes". Outro bom exemplo é o hábito da execução perfeita. Nos momentos em que as crianças estão estudando, lavando a louça ou arrumando a cama, é bom exigir que elas, desde o princípio, façam tudo da melhor maneira possível, para que não seja necessário retornar à mesma atividade para a refazer, por não a terem feito adequadamente na primeira vez.

A caligrafia também ajuda no desenvolvimento da virtude da fortaleza. Quando os nossos filhos estão fazendo caligrafia e nós, logo de cara, dizemos a eles que o plano é fazer, todos os dias, dez minutos de exercício com a letra mais bonita possível, sem usar muito a borracha, nós os estimulamos a fazer as coisas com esmero. Ao acabarem de fazer essas atividades, eles se alegram bastante, não como quem recebeu uma recompensa direta, mas como quem sabe ter despendido um esforço considerável para fazer o que fez, como quem, ao se esforçar, conseguiu uma recompensa real.

Imagino que você consiga ver a relação indireta que tudo isto tem com a sexualidade. Às vezes temos impulsos sexuais muito fortes, porém não podemos experimentar o prazer sexual a todo momento. Exemplo: quando a mulher está grávida ou no puerpério, o homem tem de conseguir viver a continência. Somos corpo e alma; todas as nossas virtudes e faculdades humanas devem estar interligadas.

Outra maneira de ajudar as crianças a viver a virtude da fortaleza, que auxiliará na vivência da sexualidade posteriormente, é fazer na hora certa as coisas que devem ser feitas. Geralmente, falamos aos nossos filhos para realizarem tarefas sem sequer prestarmos atenção se eles foram executar o que lhes ordenamos, o que é ruim, porque a virtude da fortaleza é a capacidade de empreender e efetuar tarefas difíceis. O ato de tomar banho em si mesmo não é nada difícil, mas o é parar de brincar para ir tomar banho; crianças não gostam disso, querem continuar a brincar.

Também é muito importante o ato de assumir os próprios erros. Em geral, não ensinamos os nossos filhos a fazer isso. Assumir os erros, identificar que falhou, é uma maneira de viver a virtude da fortaleza. E, além disso, estimulá-los a não desistir no primeiro obstáculo com que se deparam. Muitas crianças têm dificuldade em se estabelecer numa atividade extracurricular: ora fazem natação, ora judô, ora jiu-jitsu, ora ginástica olímpica. É claro que as crianças precisam, de algum modo, estar gostando da atividade a que estão se dedicando, e nós temos, sim, que levar isso em conta — mas com sabedoria. Como eu já disse, não estou aqui para falar o que vocês devem obrigatoriamente fazer com os seus filhos, mas para os auxiliar na criação de critérios para melhor os educar.

Também é uma boa atitude não protegermos demais os nossos filhos, tentando afastá-los de todo e qualquer sofrimento. Isso, posteriormente, faz com que seja mais difícil discipliná-los. Se

acreditarmos que qualquer coisa que fizermos vai traumatizá-los, criaremos pessoas muito moles, tíbias, mornas e incapazes de enfrentar dificuldades, gente que desabará facilmente. Imagine passar a infância inteira sem ninguém dizer que estamos fazendo algo errado; ao chegarmos à adolescência, e nos disserem que estamos agindo de maneira errada, ficaremos aterrados, não teremos recursos interiores para lidar com a situação.

Freqüentemente escuto pais reclamarem que os filhos adolescentes acham que sua casa é uma pensão, sem pensar que eles mesmos fizeram da casa uma pensão. Ora, se a criança vai para o colégio e, ao voltar para casa, encontra tudo arrumado, limpo, maravilhoso, sem ter a mínima noção de como as coisas aconteceram, ela é educada para ver a própria casa como uma pensão. Os pais contratam babá, empregada e uma série de coisas para que eles não tenham o trabalho de fazer nada, depois reclamam, quando a verdade é que atrapalharam a educação dos próprios filhos.

É preciso evitar recompensas imediatas, que são trazidas por coisas como *videogames*, comer os alimentos de que gosta, ficar no celular a todo momento, navegar na *internet*, etc. Tudo isso faz com que os filhos se transformem em pessoas ansiosas, que precisam sempre ser recompensadas. E uma das conseqüências disso, no futuro, pode ser o vício em masturbação e pornografia. *Videogames*, telefone, redes sociais e afins realmente mexem com o cérebro, aumentam o nível de dopamina e levam as pessoas à ansiedade. Com o tempo, a criança não conseguirá se concentrar para estudar, será incapaz de ler um livro.

As frivolidades também devem ser evitadas. Os nossos filhos têm de ser educados para ter grandes corações. Podemos estimular sobretudo as crianças mais velhas, a partir dos doze ou treze anos de idade, a debater certos assuntos. Podemos já perguntar a elas: "Por que você é contra ou a favor do aborto?", ou outro tema relevante. Devemos ajudá-las a encontrar fontes confiáveis, que

tragam argumentos favoráveis e contrários a assuntos importantes. Para que os filhos tenham esse espírito crítico, eles precisam ser educados com boas coisas; precisam saber de onde vêm as idéias que eles têm. Da mesma maneira que alimentamos o corpo, precisamos povoar a cabeça dos filhos com o que há de melhor, a fim de que tenham critérios suficientes para conseguir olhar uma maçã ou o rei nu e declarar: "É uma maçã" e "o rei está nu!".

Por vários motivos, deixamos de conversar com nossos filhos sobre vários temas importantes — e a sexualidade é apenas um deles. Se tivermos um canal aberto, um momento para conversar, no qual sejam abordadas questões difíceis, o assunto da sexualidade aparecerá; os filhos farão perguntas a esse respeito, e teremos a oportunidade de responder.

Para que os filhos saiam de si mesmos e tenham grandes corações, é importantíssimo que os estimulemos a fazer gestos de doação, como visitar pessoas doentes, e também a ganhar o próprio dinheiro. Certa vez, vi uma amiga fazer o seguinte: permitiu que seus filhos fizessem um panfleto no computador e o entregassem pelo condomínio inteiro, para anunciar aos condôminos que eles estavam prestando serviços de passeio com cachorros. Tenho uma outra amiga cujo filho, aos catorze ou quinze anos, ia até a minha casa para cuidar dos meus filhos. Eu saía com meu marido e deixava as crianças aos cuidados dele. Quando retornávamos para casa, o menino estava lá, com perfeito domínio da situação. E ele passava o relatório: "O Antônio tossiu enquanto estava deitado, então fui até ele e pus um travesseiro um pouco mais alto para ajudar a aliviar a tosse, porque minha mãe me ensinou assim; o Augusto acordou e eu lhe dei um copo d'água". Certa vez, voltei para casa e o encontrei na cadeira de balanço com o Álvaro (que à época era o mais novo) no colo, balançando e aninhando. O menino tinha apenas catorze ou quinze anos! Isso é um adolescente responsável, capaz de pensar

em coisas grandiosas. Hoje, ele tem por volta de dezoito ou dezenove anos e continua a ser bastante responsável.

Temos de estimular isso em nossos filhos. Muitas vezes ficamos com medo de permitir que adquiram essas responsabilidades e acabamos atrapalhando seu desenvolvimento. Geralmente, não deixamos que eles peguem um ônibus, por exemplo, por medo de que algo lhes aconteça; mas, quando os filhos já são mais velhos, na adolescência, é hora de deixarmos eles saírem da barra da nossa saia, para que se deparem com as dificuldades do dia-a-dia, o que não é a mesma coisa que os deixar fazer tudo por conta própria.

Além do exerício das virtudes, por meio dessas pequenas práticas, falei também sobre uma ação correlata a esta: estimular nas crianças o gosto estético, expondo-as a obras esteticamente belas — imagens, histórias, músicas e filmes — para que aprendam a distinguir entre o que tem qualidade e o que é ruim, e assim direcionem sua afetividade àquilo que realmente importa e sintam repulsa quando coisas ruins lhes forem apresentadas. Mas como transmitir esse senso estético às crianças? E o que fazer com uma criança que, apesar da proibição, tenha visto ou veja vídeos de teor sexual? O gosto estético ajuda as crianças a rejeitarem muitas coisas que atrapalham a vivência das virtudes. Expor os filhos a bons livros, filmes, ilustrações e conversas tende a fazer com que eles se afastem de tudo quanto, em termos de qualidade, seja inferior. Porém, uma vez que nem mesmo nós, em geral, tivemos uma formação adequada nesse sentido, o caminho é procurar formar-se juntamente com os filhos. Eu, por exemplo, não sei muitas coisas sobre os mitos gregos; leio-os juntamente com os meus filhos e vou atrás de explicações. Formo meu senso estético junto com eles.

Muita gente me pergunta, por exemplo, se deve ou não deixar os filhos ficarem despidos em casa. Eu sou das que levantam a bandeira de que isso também vai contra o gosto estético. Se

criamos o hábito de estar adequadamente vestidos, mesmo em nossos lares, a própria criança irá estranhar quando se deparar com *shorts* muito curtos, barrigas de fora ou decotes muito grandes. Isso pode inclusive ajudar a prevenir a violência sexual, porque a criança irá se sentir de fato invadida caso se depare com essas situações. Por outro lado, se lidamos com essas coisas de forma muito relaxada, o contraste será muito menor.

Entre os cinco anos e o início da puberdade as crianças passam pela fase de latência, tempo em que ainda não têm inclinações sexuais. Portanto, caso consumam materiais impróprios para sua idade, ficarão confusas, e os pais não conseguirão desatar o nó que se formará na cabeça delas. Digamos que a criança esteja assistindo a um filme como *O Senhor dos Anéis* e, de repente, aparece na tela uma cena de beijo. O que fazer? Recomendo que *pulem a cena* — não há problema em fazer isso. Se os filhos perguntarem por que a cena foi pulada, basta dizer que o foi por não ser adequada para eles. Pronto.

É comum nós mesmos assistirmos a algum filme e, de repente, aparecer uma cena de sexo sem cabimento. Ficamos até meio constrangidos por haver pessoas ao nosso lado assistindo à mesma coisa. Pulem a cena. Isso vai cuidar do nosso coração, para que vivamos bem a nossa sexualidade. Se não, podemos posteriormente acabar comparando o corpo do ator ou da atriz com o do nosso cônjuge, ou ficar estimulados num momento indevido. Nossa imaginação ficará a mil, e teremos mais problemas do que soluções.

Sei que dizer uma coisa assim pode parecer estranho, porque o mais comum, hoje, é ouvirmos falar em espontaneidade e naturalidade; repetem por todos os lados que não há problema em vivermos como queremos. Dizem que devemos nos vestir como bem entendemos, e até mesmo que podemos tomar banho com os nossos filhos, se assim desejarmos. Mas tudo isso, aos poucos, dessensibiliza o coração. No momento em que a sensibilidade

diminui, as nossas reações afetivas se tornam semelhantes às dos animais, e isso é inaceitável. A razão e a paixão, como eu já disse, devem se ajudar mutuamente. A razão ilumina o sentimento e lhe dá unidade; e o sentimento, por sua vez, traz cordialidade, cor e alegria para a razão, sendo isso o que torna agradável, para nós, o esmero e as coisas bem-feitas. Quando fazemos tudo sem paixão, o resultado é algo insosso; ficamos irritados, chateados e tristes. O que faz uma ação valer a pena é um coração apaixonado. É possível vivermos a sexualidade de forma bondosamente apaixonada, e apontar o caminho para isso é o meu objetivo aqui.

4 Um grande coração

Os afetos são um poderoso motor para a ação humana. Fazer as coisas apenas por fazer, sem pôr nelas o coração, é altamente improfícuo. Para uma ação ser realmente boa, esses dois cavalos devem andar um ao lado do outro: a vontade e o apetite sensível, a razão e o sentimento ordenados. É necessário que estimulemos nossos filhos a gostar de fazer o bem. É a educação das emoções o que faz com que eles tenham grandes corações. O coração é o centro da nossa alma. Se eu lhe perguntar qual é o tamanho do seu coração, é possível que você fique um pouco desconcertado, sem saber exatamente o que responder. Por outro lado, se eu perguntar se o seu coração é grande ou pequeno, talvez fique mais fácil de responder; talvez você rememore quantas mesquinharias praticou, quantos pensamentos e desejos condenáveis já teve, e talvez fique envergonhado por pensar que o seu coração pode ser muito pequeno.

E um coração pequeno é causa de má vivência sexual, mesmo quando as pessoas já são casadas. O que encolhe os nossos corações é a recusa em levarmos o amor adiante, pois somos capazes de amar infinitamente. É possível que às vezes pensemos que a doação de nós mesmos seja ingenuidade, algo muito distante

da realidade, um exagero e uma loucura. Ao pensarmos isso e diminuirmos a capacidade de nos entregar e doar aos outros, aumentamos, no mundo, o número de mediocridades ambulantes, que espalham o conceito de que é normal ter uma vida mole, egoísta, aburguesada. O nome que se dá a essa doença espiritual é *tibieza*, estado em que a alma fica morna e se satisfaz com o mínimo obrigatório. Nesse estado sequer cumprimos com os nossos deveres, e reclamamos das obrigações. Se vivemos assim, temos de ativar um alerta, porque isso significa que nossos corações estão diminuídos.

O nome dessa virtude é magnanimidade, que quer dizer ter a alma grande, capaz de atuar nobremente e de ser generosa. Você pode dizer que somos imperfeitos e que isso que estou dizendo só causa ansiedade. Tudo bem. Mas a verdade é que existem dois tipos de imperfeição: a involuntária e a voluntária. A primeira é fruto das limitações humanas, afinal somos mesmo limitados. Por mais que tentemos ter um grande coração, agir maravilhosamente e nos sacrificar pelos demais, sempre esbarramos em nossas limitações, e não há problema nenhum nisso. Precisamos entender que somos limitados e não nos assustarmos com isso. Essa condição não pode ser um freio à nossa vida. Pelo contrário, deve ser motivo para buscarmos aprimoramento. As imperfeições voluntárias, por outro lado, acontecem porque dizemos para nós mesmos: "Chega! Não quero viver uma vida de generosidade, uma vida grandiosa. Estou apenas preocupado comigo mesmo, com meu egoísmo, meus prazeres, meu bem-estar, e isso já me basta". É incômodo ouvir e declarar isso, mas é preciso, porque pode ser que vivamos assim, tíbia e mornamente, sem saber por quê.

Tudo isso de que estou falando tem a ver com a sexualidade, pois a sexualidade exige que tenhamos grandes corações e que não sejamos tíbios, nem que nos apequenemos. Quem tem grandeza de alma não se deixa levar pela mesquinhez, pelo cálculo egoísta, pela trapaça. Sabendo que o coração é capaz de nobreza,

heroísmo e outros atos extraordinários, como também de vilezas, baixezas e desumanidades, devemos escolher o que queremos para nós e para os nossos filhos. Queremos que eles tenham corações pequenos, que sejam mesquinhos, tacanhos e que façam o mínimo possível, ou que sejam grandes, capazes de sacrifícios e renúncias, de ações admiráveis? Não basta somente evitarmos o mal: precisamos mudar os nossos corações.

A imoralidade sexual é fruto de um coração doente e amesquinhado, sem a menor idéia do que seja amor humano, do que sejam a afetividade e a vivência emocional saudáveis. Portanto, devemos ter muito cuidado com o que entra dentro do nosso coração e no coração dos nossos filhos, porque é daí que podem sair as imoralidades sexuais, as perversidades, os roubos, os homicídios, os adultérios, as fraudes, a inveja, a calúnia, o orgulho e a insensatez (como é dito na própria Bíblia, em Mc 7, 21–22). É nossa responsabilidade, principalmente quando os nossos filhos são pequenos, cuidar de todo o ambiente afetivo, de tudo quanto entra em seus corações. Não adianta reclamarmos que os nossos filhos fazem isso ou aquilo e que agem de forma errada, se não lhes proporcionamos ambientes afetivamente saudáveis.

5 Harmonia familiar

Uma das partes mais importantes da estabilidade emocional é que o casal precisa estar em harmonia para que a criança entenda que é fruto do amor de duas pessoas que se amam e lhe querem o bem. No entanto, muitos casamentos se desfazem, e a criança continua precisando se sentir segura e amada, tanto pela mãe quanto pelo pai. Mas mesmo com a separação é possível, sim, dar aos filhos essa estabilidade, sendo preciso, para conseguir isso, os pais adotarem a medida de *em nenhuma hipótese* falar mal um do outro. Quando o filho está na casa da mãe, por exemplo, tem de

ser proibido falar mal do pai ou da madrasta. A verdade é que isso não é saudável nem quando os pais estão casados: não devemos desautorizar o cônjuge na presença dos nossos filhos. É importante, portanto, que os pais tentem ao máximo conversar sobre a educação das crianças, com o objetivo de chegar a um acordo. É óbvio que não há um alinhamento total, porque duas pessoas diferentes não farão exatamente as mesmas coisas, nem é desejável que o façam. A pluralidade, a diferença entre pai e mãe, ajuda muito na formação da personalidade das crianças. O que não pode haver é atrito entre os pais. Se o filho fica muito tempo na casa da mãe, indo para a casa do pai apenas nos finais de semana, e a mãe o forma adequadamente, as lacunas física, emocional e da inteligência são preenchidas, de maneira a fazê-lo perceber as coisas como elas são. Nesse contexto são importantíssimos o diálogo, a conversa, a presença, e os momentos em que a criança consegue se abrir.

Oscilamos entre o medo de ser autoritários e o de ser permissivos demais. Muitas vezes, em caso de pais separados, um deles se esforça para ser firme e educar os filhos corretamente, e o outro aproveita para dar algumas liberdades a mais. Como saber se estamos sendo muito autoritários ou muito permissivos? Descobrimos a resposta ao olharmos mais para os nossos filhos do que para nós mesmos. Quando a definição de uma rotina, regra ou orientação estiver voltada para nós, por estarmos de saco cheio, por não agüentarmos mais, por querermos nos livrar do problema, provavelmente perderemos a mão e seremos permissivos ou autoritários demais. Por outro lado, quando olharmos para o bem da criança e nos focarmos em escolher coisas que sejam boas para o desenvolvimento da sua autonomia, da sua segurança e do seu bem-estar emocional, acertaremos no que diz respeito aos critérios e definições; e se por acaso errarmos, saberemos reverter a situação. Não deve haver problema nenhum em mudar de planos, caso haja necessidade.

Algumas mães coléricas e sangüíneas têm, por temperamento,[2] tendência a ser rígidas e firmes demais na criação dos filhos, e muitas vezes isso pode fazê-las cair numa espécie de autoritarismo — uma prática egoísta da autoridade. A criação de rotinas, de regras, de castigos: nada disso está voltado para o bem, para o desenvolvimento e para a autonomia do filho, e sim para a vontade do adulto. É comum essas mães apenas reagirem aos comportamentos de seus filhos, e por estarem irritadas, se tornam autoritárias. Isso mostra que elas não têm nenhum domínio das situações.

Outras mães, ao contrário das coléricas e sangüíneas, são permissivas demais: têm medo de perder o amor do filho ou sentem culpa por não estarem sempre por perto, já que trabalham fora de casa. Na relação com os filhos elas evitam pedir ou ordenar coisas corriqueiras, o que, no outro extremo, também é um erro. Toda a autoridade deve ser voltada para a educação da criança.

Portanto, preste atenção em qual é o seu comportamento: está apenas reagindo às situações ou tem um plano educativo pensado e estruturado? Mesmo ficando em casa o tempo todo, não se deve perder esse projeto de educação e apenas reagir ao que acontece. Caso isso ocorra, você se torna uma pessoa sem paciência, irritada, chata: um general, que vê os filhos como soldados. É necessário parar e pensar em como juntar autoridade real, firmeza, amor e carinho, já que tais coisas não são excludentes. Isso tudo é possível. O carinho pode coexistir com a autoridade sem nenhum problema, e um ambiente que mescle essas duas coisas facilita futuras conversas sobre sexualidade.

É preciso destacar outra coisa muito importante na construção desse ambiente emocionalmente estável: é que a presença de ambos, homem e mulher, é importante para a educação da afetividade das crianças, porque as referências de figura masculina e feminina, como exemplos, são cruciais. Uma menina que tenha

um pai presente irá procurar, em geral, relacionar-se com homens cuidadosos, atentos e carinhosos, como ele. Isso de fato acontece. Isso não quer dizer, no entanto, que se, por força das circunstâncias, a menina não tiver uma presença masculina, ela *necessariamente* terá problemas com a formação da afetividade, sobretudo se a mãe conseguir manejar bem a situação. A mãe, por ser também do sexo feminino, será um espelho para a menina. Essa situação é mais complicada no caso dos meninos, que precisam se espelhar em homens. O que normalmente acontece é que uma figura masculina, seja o avô ou um tio, ou então o padrasto, acaba sendo a referência masculina para essa criança. Nesse caso, a mãe precisa manter por perto referências masculinas que sejam realmente boas para o filho.

E mesmo que pai e mãe sejam presentes, e figuras exemplares, ainda assim é natural que, a partir dos doze anos, tanto os meninos quanto as meninas comecem a olhar para o mundo exterior, para fora do ambiente familiar, em busca de outra figura masculina (no caso dos meninos) ou feminina (no caso das meninas) diferente dos pais, nas quais possam se espelhar. É necessário que tenhamos, então, ao nosso redor, pessoas que ajudem os nossos filhos a ser mais virtuosos. Logo, as boas amizades dos pais são de suma importância. Normalmente, essa referência vem dos professores do colégio, que são os adultos com quem os filhos têm mais relação, fora os pais. Por isso, é importante sabermos quais idéias esses professores cultivam, porque é deles que provavelmente começarão a vir as idéias dos nossos filhos.

Enfim, ter nos pais um modelo de estabilidade emocional ajuda muito, mas não é o bastante. É claro que, se a criança convive com seus pais e eles são zelosos com outras pessoas, isso vai ter um grande impacto sobre a formação dela; no entanto, mais uma vez, digo que é insuficiente. Os pais precisam *sensibilizar* os filhos para as virtudes, conversando com eles num clima ameno, enaltecendo o valor de ajudar e compreender as pessoas, entre

outras coisas. É preciso educá-los para que se comprometam e sejam responsáveis — porque a preguiça e o egoísmo matam qualquer tipo de maturidade emocional —, e ao mesmo tempo dar a eles uma abertura, para que consigam falar de seus sentimentos sem que os ridicularizemos, pois, do contrário, não conseguirão conversar sobre assuntos que lhes pareçam espinhosos.

O maior benefício que teremos ao modular a afetividade dos nossos filhos será o de fazer com que eles aprendam a amar o que de fato merece ser amado. É verdade que as boas ações nem sempre parecem atraentes, mas quando educamos o sentimento e a afetividade das crianças, as virtudes exigem delas muito menos esforço, porque elas chegam inclusive a desejar os bens mais difíceis, não se importando em ter de enfrentar obstáculos para conquistá-los. Esse é o grande desafio. A educação da afetividade tem de unir, na medida do possível, o querer e o dever. Temos a obrigação de estimular nossos fihos a viver bem a sexualidade.

É cada vez mais cedo que acontece a exposição a aspectos complicados da vida sexual, para os quais os nossos filhos na maior parte das vezes não estão devidamente preparados, pois são ainda imaturos emocional e racionalmente. Por vezes, as dificuldades advêm justamente do fato de eles serem forçados a encarar situações muito antes do que deveriam. Isso é terrível. Portanto, precisamos fazer com que eles consigam dizer que o rei está nu, que uma maçã é uma maçã, não uma banana — que sejam capazes, enfim, de enxergar as coisas claramente e ter confiança para dizer o que estão vendo, sem esconder suas angústias e preocupações. É para isso que serve a educação da afetividade. Toda essa parte antropológica e teórica será muito importante para a compreensão das próximas partes do livro.

Livros sobre virtudes

Há o livro chamado ***A conquista das virtudes***, do **Francisco Faus**, que pode ser útil mesmo para os adultos. Os livros da minha livraria (livrariadasamia.com.br) que falam sobre a ordem, a preguiça, a tibieza e outros temas relacionados, também são ótimos para nos ajudar a compreender o que são as virtudes e como trabalhá-las.

Outro livro que recomendo é ***O livro das virtudes***, do **William J. Bennet**, que tem vários contos e histórias, divididos por virtudes: lealdade, liderança etc.

Importantes também são os livros de fábulas, das quais conseguimos tirar muitas lições valiosas. O livro ***Minhas fábulas de Esopo***, de **Michael Morpurgo**, é ideal para as crianças mais novas. Também as mesmas ***Fábulas*** reescritas pelo Monteiro Lobato, que trazem ao fim um ditado popular. As crianças os entendem sempre de forma literal e concreta, nunca de forma abstrata. Isso é interessante porque conseguimos, a partir desses ditados, conversar com elas sobre coisas abstratas.

Quando juntamos isso a algumas histórias, as crianças repetem os ditados populares ao longo dos dias e das semanas, até aprenderem aos poucos a usá-los corretamente.

Excelente também é ***O livro dos santos e dos heróis***, dos autores **Andrew** e **Leonora Lang**, sobretudo para os meninos. É um livro que contribui para o que falei sobre ter um grande coração, que é essencial para que se viva da melhor maneira possível a vida sexual.

Livros de ficção, como ***Peter Pan***, de **J. M. Barrie**, também são úteis. Este é um livro que mostra como é viver egoisticamente. O Peter Pan é bastante egoísta, a ponto de esquecer das coisas que não dizem respeito a ele. Realmente, quando somos egoístas ou estamos em momentos de egoísmo, esquecemos fatos, pessoas e coisas, pois nos voltamos inteiramente a nós mesmos.

O ***Pinóquio***, na versão original, também é muito proveitoso. Pode nos ajudar a conversar com os nossos filhos a respeito de assuntos como as tentações e a mentira. Os meus filhos, quando ouviam a história, comentavam: "Não, Pinóquio, não faça isso!". Na história fica bastante claro que o Pinóquio se deixou levar por uma tentação. A história é muito emocionante.

Outro livro que recomendo é ***A teia de Charlotte***, da autora **E. B. White**. Este pode ajudar na questão do altruísmo e da vivência da morte. Os livros, em geral, ajudam as crianças a viver situações indiretamente, pela imaginação, e lhes dão meios para resolver problemas da vida real.

O livro ***Mitos gregos***, edição ilustrada, do autor **Nathaniel Hawthorne**, é adequado para crianças a partir dos oito anos de idade. Os mitos nos ajudam a conversar com os nossos filhos sobre circunstâncias da vida e o exercício das virtudes.

PARTE II

1 O amor humano e o dom de si

Na primeira parte, falei sobre como é importante, em relação ao tema deste livro, adotar uma postura desarmada, de escuta humilde. Reforço essa necessidade. É provável que você jamais tenha parado para pensar neste assunto por cinco minutos sequer, e as idéias que tem enraizadas tenham vindo de fora, de algum lugar. É importante, portanto, que escutem tudo o que tenho a dizer sobre o assunto e pensem, antes de discordarem de alguma coisa.

É comum os pais renunciarem à tarefa de educar sexualmente os seus filhos por terem medo, por não saberem o que falar, por

ficarem sem graça, por se julgarem incapazes, e assim as crianças ficam soltas, perdidas, sem limites. Outros tratam a educação para o sexo como algo sem importância, que não é da responsabilidade de ninguém, e simplesmente mostram aos filhos algum vídeo no YouTube e meia dúzia de outras coisas sobre o assunto. Um tratamento assim, tão impessoal, não tem como ser benéfico para as crianças. Quem mais conhece e pode ajudar as crianças são os pais.

Antigamente, as famílias, de modo geral, não davam educação sexual aos filhos, pois havia muita dificuldade em falar sobre sexo no âmbito familiar. Mas a própria cultura fazia com que a sexualidade ficasse nos limites do aceitável, e por isso não era tão necessário falar do assunto. Hoje, muito ao contrário, o assunto está envolvido por muitos aspectos que precisam, que têm de ser conversados e tratados corretamente, para que as crianças e os adolescentes não vejam a sexualidade de forma negativa. No passado, não se falava quase nada do assunto, tudo era escondido; mas hoje se fala demais, e tudo é permitido, feito às claras. Os adolescentes ficam sem saber muito bem o que fazer em relação a isso porque já não têm um verdadeiro modelo para seguir.

Os meios de comunicação, por meio de vídeos, livros, tratados médicos (é assustador saber que os médicos tratam o tema de maneira despersonalizada em seus consultórios) passam as informações sobre educação sexual de uma forma que é ao mesmo tempo lúdica e pessimista, dizendo que é preciso desfrutar do sexo mas evitar a gravidez, as DSTs e os abusos; enfim, enfatizam a noção de "evitar". A mensagem que passam é apenas esta: "Você pode tudo, mas tome cuidado". O conceito de liberdade aí implicado é também extremamente problemático, pois dá a entender que a liberdade consiste em fazer somente o que queremos, e nada mais. Mas, verdade seja dita: liberdade é *fazer o que é bom para o nosso crescimento enquanto seres humanos*.

A sexualidade não é uma coisa que se forma por si só, mas sim a partir da educação integral duma pessoa. Relembremos a disposição anatômica e simbólica do ser humano, que vai de cima para baixo: cabeça, coração, barriga e sexo — os dois primeiros estão acima dos dois segundos. A idéia é primeiro formar a inteligência, a vontade e as virtudes para que, após isso, estas orientem de maneira adequada os impulsos mais primários.

Concluí, nas páginas anteriores, que para alguém ser bom é preciso não só evitar o mal, mas também buscar ativamente o bem, mudando o próprio coração. Isso está intimamente ligado à educação da sexualidade. De um lado, há os naturalistas, que pensam que os impulsos de desejo das crianças devem ditar os rumos da sexualidade; do outro, existem os que consideram a sexualidade um problema, como se o sexo fosse algo ruim ou, quando muito, tolerável.

Um dos maiores problemas da educação da sexualidade é que há certa obscuridade quanto ao que o ser humano é de fato: tanto é assim que costumamos falar apenas do aspecto natural da educação da sexualidade, que compreende os impulsos e instintos, que muitas vezes dominam o comportamento das pessoas. Esquecemos o que somos realmente, perdemos de vista nosso lado espiritual, ignoramos as exigências da natureza humana completa, que não é simplesmente animal, ou biológica. A educação se transforma, assim, num abjeto culto do erotismo. Onde está a moralidade? Vícios sexuais viram teorias e, ao fim, são aceitos como se fossem normais.

Considerar o ser humano um mero animal, sem percebê-lo em sua totalidade, olhando apenas para sua função sexual, é adulterar a nossa verdadeira natureza. A “moral sexual natural” leva em conta tão-somente a saúde e a fruição dos prazeres, de forma a liberalizar o sexo sem jamais pensar na moralidade do ato. Hoje as pessoas acham que tudo se resume a proteção e equilíbrio, mesmo quando se trata de vícios como a masturbação e

a perniciosa pornografia. Os cuidados profiláticos, pensam elas, são a resposta para todos os problemas da humanidade. Pois eu digo: o amor humano excede tudo isso, e a sexualidade é fruto desse amor.

A pedagogia contemporânea instrui as pessoas nesse assunto partindo de baixo, sem buscar libertá-las das amarras dos próprios instintos, que as mantêm presas, e sem lhes mostrar o que está acima, no alto, na dimensão celestial. Um coração educado dessa maneira se torna mesquinho e ensimesmado, não aquilo para que realmente foi feito: o amor humano. Ora, proclamemos o óbvio mais uma vez, porque é preciso: o ser humano possui uma alma imortal. Há muitas pessoas de retas intenções que jamais pararam para pensar nessas questões, como a de o ser humano ser corpo e alma, e a de ser necessário educar as duas coisas, pois ambas têm a ver com a sexualidade.

Obviamente, é impossível desligar os sentidos. Os impulsos existem e são bons, e são bons porque existem. Eles preservam o ser humano: os impulsos de comer, dormir, beber, descansar, entre outros, nos preservam e merecem a nossa atenção; contudo são insuficientes para que nos orientemos na vida. Temos de educar a nossa afetividade para que, mesmo nos momentos em que sintamos medo, sejamos capazes de agir corajosamente, para que na tristeza possamos sorrir, para que, enfim, sejamos seres humanos de verdade. Sim, podemos ter impulsos sexuais e não ceder a eles; sim, nós podemos domá-los.

Os atos humanos sempre têm vinculada a si uma carga moral, são escolhidos conscientemente. Diante de uma situação, olhamos para nossas consciências e decidimos por uma ação ou por outra, daí que seja possível classificar essas ações como “boas” ou “más”. O ato é moralmente bom quando as escolhas feitas servem ao bem do homem. Portanto precisamos saber qual é o bem da sexualidade, para que ela foi feita, por que temos impulsos sexuais.

A moralidade depende do *objeto*, da *intenção* e das *circunstâncias*. Logo, o objeto e a intenção devem ser bons, e a circunstância, adequada. As circunstâncias não tornam bons os objetos ou intenções que por si mesmos sejam maus, apenas os modulam e agravam ou atenuam suas qualidades, aumentando ou diminuindo a responsabilidade de seus agentes. A consciência moral é um núcleo secreto do ser humano, presente nele desde o início da vida. Uma criancinha que decide pôr a mão na tomada e sabe que isso não deve ser feito tem já uma consciência moral ativa. Como pais, podemos fingir não ver os atos errados das crianças, mas se assim procedemos, passamos a elas a mensagem de que podem agir contra as próprias consciências. A mensagem não apenas diz que não existe um problema em agir de forma errada, mas também que os pais são coniventes com o erro. Quer dizer, então, que precisamos formar aos poucos a consciência moral dos nossos filhos, para que eles ajam de acordo com o que é bom, belo e verdadeiro.

A nossa consciência nos obriga a agir corretamente e evitar o mal. Isto é, nos ajuda em nossas escolhas. Devemos ter em mente, entretanto, que a consciência moral pode ser deturpada se, com freqüência, optarmos por agir de maneiras erradas. Exemplo: Se tivermos ciência de que roubar é errado, mas ainda assim quisermos roubar, na primeira tentativa iremos nos deparar com obstáculos de ordem moral, pois roubar é sempre errado. Porém, depois do primeiro e do segundo roubo, se continuarmos a fazer isso e o fizermos freqüentemente, a consciência irá se amornando, se acostumando à autoviolação — donde se conclui por que, para os políticos desonestos, o roubo não traz mais qualquer sentimento de culpa. Uma pessoa assim está com a consciência tão deturpada que nem sequer vê o roubo como tal: a consciência tenta justificar suas más ações. A consciência aos poucos se apaga, conforme o sujeito continua a andar pelo mau caminho.

Agir moralmente bem nos faz mais livres porque, ao agirmos assim, conseguimos ter ainda mais clareza sobre o que é bom e o

que é mau. Perceber o mal independe da eficácia da ação, mas perceber o bem claramente exige uma ação moralmente boa. Quando agimos mal, não o percebemos corretamente e não somos livres; quando agimos bem, a liberdade se faz presente. Agir com liberdade é agir responsavelmente, escolhendo sempre o melhor caminho, e circunstâncias desfavoráveis não devem fazer com que prefiramos agir mal.

Desassociar a função sexual do dom de si — do amor —, como querem alguns, é imoral. O amor, a doação de si mesmo para o outro, nos ajuda a amadurecer, porque o ser humano foi feito para o outro, não para si mesmo. Precisamos sempre nos abrir para o outro. Viver apenas para si é não agir humanamente bem. Se agimos exclusivamente para nós mesmos, ficamos entristecidos e nos apequenamos, de nosso coração sairão coisas ruins: egoísmo, inveja, tristeza, orgulho, vaidade, entre outras.

A sexualidade precisa estar relacionada com esse dom de si, com esse amor. Se o ser humano é corpo e alma, o amor humano abarca o corpo, e o corpo exprime o amor espiritual, exprime o que existe de grande e elevado no ser humano, e é necessário que seja assim. O corpo humano precisa exprimir o que ditam o espírito e a alma. As pessoas agem como animais quando exercem a sexualidade tendo em vista apenas os seus aspectos corpóreos. Erro tremendo. É preciso que usemos a nossa sexualidade na clave da doação total. O amor humano é exigente: pede tudo e dá tudo. Não é possível haver um "amor mesquinho" — essas duas expressões quase que se anulam. Às vezes, olhamos para nós mesmos e dizemos: "Gostaria que uma pessoa me amasse dessa maneira, se doando completamente, sem nada ficar para ela". É assim, também, que devemos amar as outras pessoas.

O amor humano é a um só tempo corporal e espiritual, pois o ser humano é um corpo informado por um espírito imortal. É uma totalidade unificada. O corpo participa desse amor espiritual, do dom de si, da abertura para algo muito maior que a própria

corporeidade. O dom de si se realiza de maneira plenamente humana somente quando é parte integrante do amor em que um homem e uma mulher se empenham totalmente e se doam um para o outro, até o fim da vida. É necessário que seja assim. O amor verdadeiro envolve o ser humano por inteiro. O amor humano compartilha tudo, sem reservas indevidas nem cálculos egoístas que objetifiquem a outra pessoa. Quando amamos de verdade, desejamos dar tudo: amamos o outro para o seu próprio bem, não apenas para o nosso, que apenas resulta desse amor.

O ser humano só pode se satisfazer na doação total. Quem ama verdadeiramente não ama apenas aquilo que recebe da pessoa amada: a ama por ela mesma, pelo fato de ela ser aquela pessoa, e não outra. Não poderíamos chamar de amor algo que acaba. O amor não tem data de validade. Se é amor, jamais termina. O amor humano não é um amor de cães e gatos. Rebaixamos e humilhamos o amor ao crer que ele não é eterno, que a alegria termina quando começam as dificuldades, os contratempos, quando aparecem os problemas físicos e morais. Se é assim, estamos falando de um amor de mentira, de um amor desumanamente falso, de um egoísmo escondido sob o manto dos bons sentimentos.

Além disso, o amor humano é fiel e exclusivo. Não é possível amarmos alguém se ainda consideramos a possibilidade de, a qualquer momento, começar a amar outra pessoa da mesma maneira. Para que haja amor verdadeiro, é necessário haver exclusividade e fidelidade. Fidelidade não se resume a não ter outros parceiros; trata-se, na verdade, de uma fidelidade construída nos mínimos detalhes da relação. Às vezes nos perguntamos: "Como saberei se vou amar tal pessoa no futuro?". No final das contas, não sabemos, não podemos saber, nos é vedado saber; mas isso porque o amor não é definido: é construído. O amor verdadeiro entre duas pessoas não acontece repentina e espontaneamente, mas mediante um esforço de ambos

os lados. Quanto mais dom de si, mais amor; quanto menos dom de si, menos amor.

O amor humano é fecundo. A vida humana é um dom recebido para ser dado. O relacionamento entre duas pessoas acontece para que haja conhecimento recíproco, mas não se esgota em si mesmo: transborda. O dom de si entre um homem e uma mulher é tão grande que, depois de nove meses, recebe um nome. Os dons de ambos se fundem em uma nova vida. Os dois se fazem um. Por isso, os filhos precisam nascer dentro dessa realidade, de doação total de si. Uma criança que se desenvolver num ambiente assim acabará por entender o que é essa doação total. Para ela, ficará muito mais fácil se doar depois, terá segurança quanto a isso, pois em casa foi testemunha da força, da firmeza e da constância do amor de seus pais. Uma vida de virtudes, com a vontade bem desenvolvida e a afetividade devidamente educada, orienta o amor humano para essa finalidade do dom de si.

O ser humano é criado e chamado a isso. Quando formos falar de sexualidade com nossos filhos, precisamos saber onde ela está inserida, e é nessa realidade de que falamos, dentro do dom de si. A sexualidade que vemos por aí é egoísta e foca apenas o prazer individual. Mas o amor humano é algo superior.

Em ambientes onde predomina a mentalidade divorcista, todos pensam que são incapazes de amar verdadeiramente e se conservar fiéis até o fim, então sua solução sempre é a separação, a divisão, o divórcio. Mas não podemos viver assim; precisamos entender que o ser humano está muito acima de tudo isso. É nosso dever educar os filhos para coisas grandiosas, para superar desafios, para serem magnânimos e usarem sua sexualidade de forma generosa e abnegada. Quando fazemos isso, a criança reconhece que é digna de ser amada, e isso aumenta sua auto-estima. Se procedemos de modo contrário e as educamos para o egoísmo, dizendo que podem usar a sexualidade da maneira que quiserem,

sem pensar no outro, no valor do ser humano, nós as apequenamos e as transformamos em pessoas tacanhas.

A adolescência, ao mesmo tempo que é um período de maior egocentrismo, também é um momento de superar muitos desafios. Se, então, dermos grandes desafios ao adolescente, e ele conseguir superá-los, terminará à altura deles. Infelizmente, o que se costuma fazer é o contrário: os pais os rebaixam mais ainda, porque fazer isso é mais fácil. São terríveis as conseqüências trazidas por uma sexualidade erroneamente educada, pois a sexualidade é um componente fundamental da personalidade. O papel do corpo humano não se resume a fecundidade e procriação. O sexo é em si mesmo uma capacidade de exprimir o amor que sentimos por outra pessoa. Os filhos são o resultado disso: a fecundidade provém da expressão do dom de si.

A sexualidade humana é, portanto, um *bem*, e não uma coisa má ou suja, de que precisamos ter vergonha de falar para os nossos filhos. De modo algum! Às vezes ficamos tão preocupados e com medo de que nossos filhos cometam pecados, que acabamos lhes transmitindo apenas negatividade. Em vez de lhes mostrar algo grandioso, reduzimos tudo ao medo.

Quando retiramos da sexualidade o seu sentido real, coisificamos as pessoas, e, assim, o instinto animal assume o controle dos relacionamentos. O homem acaba fazendo da mulher um objeto, e vice-versa. Jamais nos esqueçamos que a pornografia não é feita simplesmente com uma foto, ou com um vídeo: é feita com pessoas. Os envolvidos nesse mercado sofrem com a situação e nós não podemos estimular esses comportamentos. Nenhuma pessoa quer ser vista como objeto descartável de prazer. Devemos respeitar a dignidade de todas elas e ensinar isso aos nossos filhos. Também a masturbação, ao seu modo, mina as relações pessoais e a relação entre a imaginação e a apreensão da realidade. E, nesse contexto, até mesmo os filhos passam a ser vistos como coisas. Muitos pais, hoje, acham que ter filhos é um direito, acreditando

mesmo que estes não lhes impõem mais deveres, o que está muito longe de uma compreensão adequada da maternidade e da paternidade.

Para sermos capazes de nos doar aos outros, precisamos primeiro ter personalidades formadas, ser pessoas integrais. Não podemos dar o que não temos. Se não conseguimos nos dominar, ser virtuosos e ordenar nossos afetos, falhamos em nos entregar ao outro. Por isso a sexualidade é parte da educação. Então, não adianta falarmos de educação da sexualidade e não educarmos os filhos para comer e dormir direito, para serem organizados, etc. As crianças desorganizadas costumam, posteriormente, na adolescência, ter dificuldades com a sexualidade. As crianças que ficam abandonadas à televisão e ao vício do *videogame*, por exemplo, estarão mais propensas a se deixar levar pela pornografia e pela masturbação.

As coisas que acontecem às criancinhas — distúrbios de sono, de alimentação, desobediência — não são estanques; são a origem de outros problemas que aparecem na adolescência e na fase adulta. Precisamos educar os nossos filhos de maneira integral para que, depois, eles sejam adolescentes seguros de si e sejam verdadeiramente humanos, capazes de se doar aos outros. A vivência da função sexual apenas para si conduz ao egoísmo. Viver a sexualidade como se propõe hoje em dia — que as pessoas se masturbem e vejam pornografia, porque não há nenhum mal nisso — é tornar as crianças e adolescentes seres egoístas.

2 Diálogo personalizado

O melhor lugar para se falar de sexualidade é em casa, com a família. São os pais os principais responsáveis pela educação da sexualidade dos seus filhos. É necessário que se esforcem, façam cursos, leiam livros, que entendam o que deve ser dito e quando

devem dizê-lo. Nós conhecemos bem os nossos filhos, sabemos seus temperamentos e em que etapa estão no desenvolvimento humano, e é por isso que não podemos delegar a outras pessoas sua educação sexual. É claro que podemos ter por perto pessoas que nos ajudem, mas elas devem seguir as nossas diretrizes.

É de suma importância que haja momentos propícios para que os filhos façam perguntas. Já falei disso em outras ocasiões, mas há quem diga que, quando a mãe está grávida e já tem um filhinho pequeno, é preciso tirar o filhinho de dentro de casa para ele não estranhar a gravidez da mãe. Não acho que se deva fazer isso. Penso que ele deve, sim, continuar em casa, para ver o que aconteceu, e compreender o nascimento de seu irmãozinho; em seguida, ele verá como se cuida de um bebê. Isso é uma maneira maravilhosa de apresentar os filhos aos mistérios da vida humana. É com a ajuda da família que as crianças devem, idealmente, sanar suas dúvidas e compreender o mundo.

Como direi para minha filha que não casei virgem?

Não precisamos ser completamente sinceros com nossos filhos, nem falar de todo o nosso passado. A sinceridade não requer exposição total da nossa intimidade. As pessoas não têm o direito de saber de tudo o que aconteceu na nossa vida; por outro lado, não precisamos esconder, se formos questionados a respeito. Caso sua filha pergunte isso, você pode responder com simplicidade. Diga que infelizmente teve de passar por experiências pelas quais não quer que ela também passe, e que aprendeu com o que lhe aconteceu, estando, agora, transmitindo a ela esse aprendizado, enfatizando que se arrependeu. Se você é religiosa, vá à Igreja e confesse os seus pecados. Depois disso, faça o que estiver ao seu alcance para cuidar da educação da sua filha. Não há problema nenhum em fazer coisas erradas e depois exigir que os filhos não as façam, pois educação é justamente isso. Não é porque fizemos tudo errado que não devemos ensinar o certo para os filhos. Aprendemos com os nossos próprios erros, e é importante que deixemos isso claro para eles.

Em muitos casos o que se faz é utilizar, dentro de casa, a televisão e outros dispositivos móveis para fazer os filhos aprenderem sobre sexualidade, de maneira lúdica. Mas há um problema aí: não sabemos como isso entra no coração dos nossos

filhos. Nos momentos em que eles mais precisam de uma modulação da afetividade, os pais costumam delegar a responsabilidade para outra pessoa, para uma comunicação genérica, e não personalizada, de coisas tão importantes.

Uma mãe que viva bem a sua vocação materna será um grande exemplo para a sua filha dentro de casa; mostrará como se vive bem a sexualidade, porque a sexualidade se relaciona com a vivência da maternidade. A filha verá como uma mulher se porta, fala, reage, trabalha e se veste. Essa vivência familiar será a primeira vivência social dela. E isso é importante para o menino também: ver uma mãe sendo verdadeiramente esposa e mãe. Futuramente, ele procurará uma esposa com essas mesmas características e qualidades. Da mesma maneira, ao verem um pai agindo do jeito certo, de forma viril, responsável e protetora, saberão como um menino precisa agir, saberão que a força não deve servir para matar ou para fazer o mal, mas para proteger o ambiente familiar.

Enfim, sobre o grande e importante momento de finalmente tratar desse assunto com os filhos, é bom que os pais tenham em mente quatro princípios básicos, que exporei a seguir:

Primeiro.Cada criança é única e merece receber uma educação individualizada. Ninguém pode tirar dos pais a capacidade de discernir se está na hora ou não de conversar sobre sexualidade com os filhos. É preciso ser criterioso, estar sempre com os filhos, tentar descobrir o que eles já sabem sobre o assunto e o que querem saber.

Lembro de quando o Italo comentou comigo que 90% dos pais dos seus pacientes adolescentes não sabiam o que os filhos viam ou escutavam a respeito de sexualidade. Os pais simplesmente não sabiam, porque não se interessavam por saber e também porque, em vários casos, os adolescentes têm dificuldade para falar com os pais sobre esses assuntos. Os pais precisam, então, estar atentos, presentes e disponíveis para abordar esses temas em conversas com os filhos.

Segundo.Os pais precisam entender que o processo de maturação de cada filho é diferente, tanto biológica, quanto afetivamente.

Essa é a razão de precisarmos ter um diálogo personalizado com cada filho, sabendo quem ele é, como é e qual é o seu temperamento, para, assim, estipularmos a melhor maneira de abordar o assunto com ele.

Precisamos tentar observar os inícios da atividade genital instintiva das crianças, em que a criança põe a mão na genitália. Precisamos corrigir esses hábitos, não no sentido de fazer com que os filhos se sintam envergonhados ou culpados, mas de maneira leve e tranqüila, tentando não deixar a criança ociosa ou por muito tempo no banho. Normalmente, elas fazem isso quando estão sozinhas, sem ter o que fazer. Temos de lhes dar atividades. É bom, também, investigar para saber se há, na verdade, alguma afecção médica: às vezes pode haver alguma dor na região, por causa de uma infecção urinária ou bacteriana. É importante, portanto, levarmos nossos filhos ao médico, para termos certeza de que está tudo bem.

A maneira de vestir também pode ajudar a evitar que os filhos fiquem mexendo nas partes íntimas de forma indevida. É preciso que os orientemos, mas não se deve fazer com que essa orientação tenha uma conotação ruim, de reprovação, como se se tratasse de um pecado, porque, neste caso, não há nada disso.

Terceiro.As informações sobre sexualidade devem ser fornecidas no contexto mais amplo da educação para o amor.

Nunca devemos nos esquecer da dimensão espiritual, que todos nós temos almas. Precisamos avaliar os ambientes que os filhos freqüentam, porque muitas vezes isso atrapalha a educação para o dom de si. Cansei de ir a aniversários em cujas festas havia músicas sexualizadas, em desacordo com a idade das crianças presentes. Quando isso acontece, eu simplesmente pego meus filhos e vou embora. Isso é intolerável.

Quarto.Os pais devem dar as informações sobre sexualidade com delicadeza, de modo claro e oportuno.

Como explicar que alguém teve um filho sem ser casado?

Se for um casal, basta dizer que eles viveram como se estivessem casados, mas que não haviam assumido isso, perante a família ou perante a Igreja. Se for uma mãe solteira, você pode explicar que ela não foi mãe sozinha, mas que esteve "casada" com o pai do bebê e, desse modo, teve um relacionamento conjugal. Diga que essa mãe precisa de ajuda para criar o bebê sozinha e convide sua filha para rezar por ela. Fazendo isso, você já cria na criança empatia pela outra pessoa.

Devemos falar com os nossos filhos sem, por um lado, sermos d e m a s i ad a m e nt e explícitos, e sem, por outro, sermos vagos. Os nossos filhos não podem ficar sem resposta; mas temos de lhes dar respostas quando as perguntas aparecerem.

As perguntas são geralmente as mesmas, mas devemos investigar se sabemos as respostas certas — se sabemos responder de onde vêm os bebês, por que existe a mama, por que existe o testículo, porque menino e menina são diferentes etc., etc. E, é óbvio, as respostas para filhos de idades diferentes também têm que ser diferentes. Dizer as mesmas coisas para um filho de cinco anos e para um filho de quinze não faria o menor sentido.

As primeiras informações relativas ao sexo não são sobre a sexualidade genital, mas sobre gravidez, a origem dos bebês, o seu nascimento. Normalmente não se relacionam com a genitália em si. Muitas vezes, por exemplo, podemos aproveitar a nossa própria gestação ou a de alguma amiga para explicar às crianças, de acordo com a idade delas, de onde vêm os bebês.

De onde vêm os bebês?

Se quisermos dar aos nossos filhos a explicação real a respeito de como nascem os bebês, devemos olhar para o assunto com profundidade. O que se quer saber é a origem da vida, e isso é um mistério. Você sabe como a vida humana vai parar em sua

barriga? Quantas vezes um homem se relaciona com uma mulher e os dois não dão origem a uma nova vida? Ambos são instrumentos que possibilitam a vida, manipulados por algo maior. Quem dá a vida de fato não são os pais, mas sim um ser superior, que é quem nos sustenta na realidade. Explicar isso aos nossos filhos lhes dá um conceito grandioso, que ajuda a entender uma série de coisas (casos de estupro, por exemplo, ou qualquer caso de crianças adotadas, cujos pais não são os pais biológicos que a geraram). Ninguém nasce sem ter sido quisto e amado — e por isto temos responsabilidade quanto a nossas vidas.

Diante das crianças, como devemos chamar os órgãos sexuais?

Não há uma orientação clara quanto a isso. Muitas pessoas preferem usar o termo "partes íntimas" para deixar claro que são realmente íntimas, privadas, particulares, às quais as outras pessoas não devem ter acesso.

Como explicar, digamos, que alguém nasceu de inseminação artificial ou fertilização *in vitro*? Não houve amor entre mãe e pai, e mesmo assim essa pessoa continua sendo querida. O que houve foi Amor com "A" maiúsculo, que quis a existência desse ser. Assim, para explicar a origem da vida humana, não precisamos falar do pênis que entrou na vagina. Não é a escola, ou um *site*, ou um vídeo que tem de falar sobre isso — mas os pais. Porém é necessário que eles saibam do que trata a vida humana e qual é o objetivo da sexualidade.

Fase de latência e puberdade

Gostaria de salientar uma distinção importante na formação da sexualidade dos nossos filhos. Primeiro, uma fase chamada "anos de inocência" (ou "fase de latência"), que seria a fase entre os cinco e doze anos de idade, quando começa de fato a puberdade dos pré-adolescentes. A puberdade começa aos nove anos na menina e aos dez anos no menino. Na menina, é iniciada com a presença do broto mamário; no menino, com o aumento do testículo. Mas o início efetivo da puberdade, em que a cabeça e os

interesses sexuais começam de fato a mudar, se dá mais ou menos aos doze anos, momento em que a menina menstrua e o menino tem a sua primeira polução noturna. É interessante explicarmos para os nossos filhos esses assuntos a partir dessas alterações sexuais pelas quais eles passam. Por que apareceu um broto mamário? Por que estou com mais gordura no abdômen e no quadril? Por que estou ganhando massa muscular, ou mais força? Por que ele está mudando o timbre de voz? Etc. É importante explicarmos essas coisas para os nossos filhos. Mas, em primeiro lugar, devemos nos perguntar: Sabemos que alterações são essas? Se o menino perguntar à mãe por que o testículo dele está aumentando, ela precisa saber responder.

Em geral, os anos de inocência são um período de tranqüilidade para o desenvolvimento sexual dos nossos filhos. Esse momento não deve ser perturbado com informações sexuais desnecessárias. Nessa fase, os interesses das crianças não estão voltados para o aspecto sexual, mas para outras áreas da vida. Se forem feitas perguntas sobre sexualidade nesse período, as orientações devem se limitar ao que foi perguntado, não sendo adequado falarmos de pormenores eróticos ou de como o ato sexual realmente acontece e funciona. A formação da sexualidade, nos primeiros anos, deve ser dada de forma muito indireta, através da formação das virtudes como um todo: na formação da generosidade, da laboriosidade, da disciplina do estudo. É necessário que haja uma boa relação entre pais e filhos.

Ereção nos meninos pequenos

Acontecem ereções com crianças pequenas, quando estão muito tranqüilas, felizes ou num momento de segurança, por causa da presença de sangue, quando há uma vasodilatação. Pode aparecer quando ela acorda, quando está escutando uma história e até mesmo quando está rezando. Isso não tem conotação sexual. Se ele perguntar, você pode simplesmente dizer ao seu filho que isso acontece nos momentos em que ele está sossegado e feliz.

Acontece, no início, de os filhos ficarem à vontade para conversar mais com as mães do que com os pais, até porque, na maior parte dos casos, as mães passam mais tempo com os filhos, e essa relação se torna muito forte. Mais adiante, isso acaba se dividindo: as meninas ficam mais à vontade com a mãe, e os meninos, com o pai. A criança, na fase da inocência, geralmente aceita bem as vestimentas escolhidas pelos pais, as suas orientações de comportamento, e conhece as diferenças físicas entre os sexos masculino e feminino. Também nessa idade a criança aprende, pela experiência familiar, o significado do que é ser homem e ser mulher. E nós não precisamos evitar que os meninos tenham manifestações de ternura, carinho e atenção; não há problema nenhum em os meninos fazerem isso. As meninas, por outro lado, podem também participar de atividades "masculinas", de desafio, força e competição. O que não devemos fazer é ignorar o fato de que há diferenças entre o homem e a mulher, de que deve haver uma presença masculina para o menino e uma presença feminina para a menina, de modo a ser possível distinguir as diferenças de ação entre homem e mulher. Porque elas de fato existem: há uma diferença na forma de agir e na maneira de ver o mundo. Essa é a regra, e como costumo dizer, não podemos educar os nossos filhos com base em exceções.

Quando vamos ensinar os nossos filhos a nadar, não os colocamos para nadar em mar aberto, mas na natação, numa piscina parada e bem tranqüila. Do mesmo modo, quando os nossos filhos são pequenos, é necessário que os ensinemos dentro das "condições normais de temperatura e pressão", dentro do que é mais comum. Depois, quando tiverem mais maturidade para entender outras realidades, questões mais complexas, aí nós os colocaremos para nadar em mar aberto. Portanto não há problema nenhum em definirmos esses papéis para os nossos filhos. Cada coisa tem o seu tempo.

A fase dos anos de inocência é boa também para a criança aprender que a masculinidade não é sinal de superioridade em

relação às mulheres, que os homens, por terem mais força e capacidade de trabalho, assumem certos papéis e responsabilidades. Deve ficar claro para as crianças que o homem ser assim não significa ser superior às mulheres, mas simplesmente diferente. Aos meninos é bom desaconselhar a agressividade — eles têm de utilizar a força apenas para proteger, cuidar e lutar quando for preciso. É comum que crianças, nesta fase, recebam informações sexuais prematuramente, mas elas ainda não são capazes de entender a verdadeira natureza e a importância do sexo.

Porém, o fato de estarem na fase de latência, tranqüilos, sem pensar nessas coisas, não impede o abuso sexual, que acaba sendo praticado por pessoas nas quais os nossos filhos já confiam, de modo que eles não conseguem perceber que essa confiança foi ou está sendo violada. A melhor maneira de cuidarmos disso é não permitindo que as crianças fiquem sozinhas com adultos que não sejam a mãe, o pai ou pessoas realmente confiáveis. Sei que isso é difícil, mas é a forma mais segura de impedir que o abuso aconteça. É preciso estarmos atentos. Não adianta dizer para as crianças: "Se colocarem a mão 'aqui', você me conta". Não é assim que os abusos acontecem. Se a criança se sentir ameaçada, ela não contará nada para os pais. O que procuro fazer, e que penso poder ajudar, é tentar educar meus filhos para que eles tenham um choque de percepção, caso vejam alguma movimentação estranha. Se o meu filho, por exemplo, não está acostumado a tomar banho comigo, a ficar pelado em casa, a que ninguém coloque a mão nas partes íntimas dele, quando uma exposição indevida acontecer, ele vai se sentir violado. Sinceramente, acho que esse cuidado com o próprio corpo e a própria intimidade é a melhor maneira de os filhos sentirem estranheza com a situação.

O que, e quando falar

Não é porque na rua se fala de forma chula que devemos, em família, falar as mesmas coisas, só que de forma polida. Não sabemos tudo o que os filhos vão escutar. Muitas vezes, achamos que eles escutaram certas coisas que, na verdade, não escutaram; outras vezes, é o contrário. É difícil a definição de até onde ir, porque isso nos faz chegar ao extremo da invasão e tirar a inocência dos nossos filhos. Temos de estar atentos e ter momentos de conversa, sondar até onde vai o conhecimento deles sobre o assunto, para permitir que se expressem por si próprios.

Às vezes ficamos ansiosos por dar explicações, e isso nos faz colocar a carroça na frente dos bois; então falamos demais sobre sexualidade. É assim porque a nossa vivência e visão da sexualidade são, em regra, puramente biológicas. Por querermos chegar logo à parte em que o pênis entra na vagina (o encontro da sementinha do papai com a da mamãe), ficamos desconcertados. Não é preciso falar assim e muito menos levar para esse lado, caso tenhamos uma vivência sexual voltada para a vida — o problema é que estamos sempre pensando em nós mesmos, no prazer puro e simples.

Não é preciso falar de tudo o que conhecerão futuramente, pois não sabemos o que eles de fato irão ver. É interessante, portanto, tentarmos descobrir o que os nossos filhos já sabem e nos colocarmos à disposição para conversar a respeito de todos os assuntos. Se a criança não é de falar muito, podemos perguntar o que está acontecendo. Muito mais do que ter a sensibilidade de pai e mãe, é necessário mapearmos com precisão a situação dos nossos filhos para saber o que deve ser dito: observemos o estágio do desenvolvimento físico deles, tentemos descobrir o que até agora lhes ensinaram no colégio e se os amiguinhos já tratam desse assunto entre si, e tomemos ciência dos conteúdos a que eles têm acesso. Essas informações não cairão do céu, nem serão dadas por mim: quem tem o dom de falar com os filhos sobre todas as coisas são vocês, os pais.

A criança indisciplinada, na fase de cinco a doze anos, viciada em televisão, *videogame*, com hábitos egoístas e desordenados, é quem provavelmente terá mais problemas com a sexualidade. Quanto menos expusermos os nossos filhos a vídeos que possam violar essa inocência, melhor. Se eles já foram expostos de alguma maneira, precisamos estar abertos para que possam contar conosco, sem que fiquemos impressionados com as coisas que nos disserem, porque, do contrário, não falarão conosco de mais nada a esse respeito. Já sabemos que alguma exposição prematura pode acontecer; então, sem nos espantarmos, devemos dizer: "É? E como foi? Me conta" e tentar descobrir o que eles sabem, para ordenarmos, ajustarmos e modularmos essas informações da melhor forma possível.

A fase seguinte é a da puberdade, cujo início se dá aos doze anos. É o momento em que acontece a descoberta de si, do próprio universo interior: surgem planos grandiosos e expectativas, e também os impulsos biológicos se tornam mais fortes. Querem descobrir tudo que existe, no entanto ficam cheios de dúvidas, desconfiados até dos pais — que antes eram o máximo, e agora começam a ser questionados. Nesse momento, é importantíssimo haver outros adultos cuja presença possa servir de referência aos nossos filhos. O foco nos próprios pais irá desaparecer; por isso eles precisam focar em outros adultos bons e confiáveis. Os pais devem ter um círculo de amizades saudável, de pessoas cuja boa formação sirva de orientação aos filhos.

Na puberdade, os filhos ficam ensimesmados. É mesmo uma fase conturbada. Precisamos, nessa etapa, estar particularmente atentos à evolução deles, às transformações físicas e psíquicas pelas quais estão passando, que são decisivas para a maturação da personalidade. Geralmente, os filhos não irão falar conosco sobre essas coisas; eles não chegam e dizem: "Ah, mãe, gostaria de conversar sobre uma coisa com você". Nós é que devemos propiciar esses momentos de conversa, procurando ocasiões — jantar, sair, viajar com eles.

Banho

Até que idade as crianças podem tomar banho juntas? Até os seis ou sete anos, a idade da razão. Depois disso, banhos separados. É nessa idade que elas começam a racionalizar as coisas; mas, mesmo antes disso, é preciso tomar cuidado, porque elas colocam as mãos nas partes íntimas umas das outras. Não que seja preciso impedi-las de tomar banho juntas, pensando que existe nisso alguma conotação sexual, não; mas deve haver um limite.

Tirar o hábito de dormir na cama dos pais ou de usar chupeta é difícil, e quanto mais cedo se iniciar o bom hábito, melhor será. Da mesma forma com o banho. Não dá para saber em que momento a "chave vai virar" e o seu filho passará a ver as coisas de outra forma. Além do mais, o banho particular é uma ótima maneira de a criança entender que possui a própria intimidade. No caso de os pais tomarem banho com os filhos, por conta das evidentes diferenças entre o corpo adulto e infantil, começarão a ter de explicar coisas antes do tempo e isso pode ser uma dificuldade. A hora adequada para deixar de dar banho nos filhos é aquela em que eles se mostram envergonhados com a presença dos pais. A partir dos quatro ou cinco anos de idade os pais já podem incentivar as crianças a tomar banho sozinhas.

A minha sugestão é que os pais apenas supervisionem o banho, até o surgimento de caracteres sexuais secundários; que, até os filhos completarem nove ou dez anos, vejam o que está acontecendo e os acompanhem. Quando começam a surgir os caracteres sexuais secundários, os filhos ficam envergonhados, e é importante que os pais respeitem esse momento, deixando-os tomar banho sozinhos, com a porta fechada — mas esclarecendo que há um tempo certo para o banho, que não devem trancar a porta e que a qualquer momento poderão ser chamados. Isso inibirá várias ações.

Em conversas e leituras, podemos propor debates a respeito de temas variados, como o aborto, o uso dos contraceptivos e quaisquer outros assuntos relacionados à sexualidade, para que os filhos possam mostrar o que já sabem. É nesse momento da puberdade que começam as transformações, e é a partir dessas mudanças que devemos explicar aos nossos filhos o que está acontecendo. Por que a menina ficou menstruada? O que significa a menstruação? Temos de explicar essas coisas levando sempre em consideração não apenas a questão biológica, mas também a questão total do ser humano. No caso da menstruação, devemos ter em mente a maternidade, o casamento, a família, etc. Falar disso não é pôr sobre os nossos filhos uma grande

responsabilidade, mas sim revelar o que a coisa realmente é. A menstruação não é só o ciclo hormonal que tem esta e aquela função no organismo; é também parte de uma dimensão da alma da mulher. Precisamos conversar sobre assuntos mais elevados com os nossos filhos, não nos limitando a passar a eles informações puramente biológicas. Se nos limitamos a falar apenas de camisinhas e anticoncepcionais, deixamos as conversas muito rasas, e elas precisam, dentro do possível, ser profundas.

Aos filhos adolescentes ainda não é necessário que falemos dos pormenores da união sexual, a menos que eles nos peçam explicitamente. Mas caso tenhamos de abordar o assunto, é preciso que o façamos de forma amigável, alegre e participativa, sem usar termos chulos e sem ridicularizar a situação. É importante também que lhes passemos instruções sobre as características somáticas e psicológicas do sexo oposto.

As explicações a respeito de assuntos sexuais podem ter, e é bom que tenham, como ensejo as mudanças pelas quais eles mesmos estão passando. Podemos explicar à menina que o broto mamário está aparecendo proveniente de hormônios novos que estão circulando por seu corpo, os quais a preparam para, quando ela for mais velha, receber uma nova vida; devemos dizer também que essa preparação se dá aos poucos, e se estende a vários lugares do corpo (as mamas começarão a aparecer, haverá mais gordura no tórax e no quadril, o corpo começará a mudar). Ademais, deve-se dizer que essa preparação acontecerá todos os meses, ciclicamente, e que na primeira vez ocorrerá um sangramento, mostrando, assim, que o corpo funciona perfeitamente bem.

Sempre temos de trabalhar com nossos filhos dessa maneira, tentando constantemente relacionar as alterações sexuais que acontecem neles com a idéia de uma nova vida e de um acontecimento grandioso.

Nesse momento da adolescência, termos a ajuda de um médico, de um psicólogo e — por que não? — de um sacerdote, capaz de nos ajudar no acompanhamento do crescimento dos filhos adolescentes, é de grande valia. Um sacerdote que conviva com os nossos filhos pode ouvir suas questões mais íntimas, ditas muitas vezes no confessionário ou na direção espiritual.

Puberdade precoce

A "puberdade precoce" é um caso especial, em que os caracteres sexuais secundários começam a aparecer antes do tempo normal. O tratamento com um endocrinologista pode retardá-los, assim como fará com a menarca (a primeira menstruação). O correto é aguardar o desenvolvimento do tratamento e observar se o interesse por assuntos próprios da puberdade vai surgir na criança, para só então tratar de assuntos mais avançados da fisiologia do corpo feminino.

É fundamental prevenirmos os nossos filhos contra a mentalidade hedonista, para a qual o sexo é apenas feito por prazer. Essa mentalidade leva à objetificação das pessoas. Na fase da puberdade, os filhos costumam ficar muito vulneráveis a fantasias eróticas e a tentações de realizar experiências sexuais. Conversar sobre essas coisas é importante, tentando sempre sondar o que eles já sabem a respeito do assunto e o que precisam saber.

Enfim, que pontos precisam ficar claros na adolescência? A relação entre os aspectos *unitivo* e *reprodutivo* do matrimônio; a indissolubilidade do casamento, não sendo possível ter relações fugazes, voltadas simplesmente ao prazer; a realidade do aborto, da contracepção, da masturbação.

A desordem sexual destrói progressivamente a capacidade de amar, fazendo do prazer a finalidade da sexualidade e reduzindo as outras pessoas a objetos. A banalização da sexualidade está relacionada ao desprezo pela vida humana, porque acabamos usando a sexualidade para fins egoístas e o próximo pouco a pouco perde sua importância, o que pode levar a monstruosidades como o aborto. Há, sim, relação entre a banalização do sexo e o

aborto, porque a mentalidade das pessoas fica dessensibilizada. Nada disso acontece por acaso.

Na adolescência tardia, sobretudo para as meninas, podemos falar dos indícios de fertilidade e de sua regulação natural. Podemos também, aos poucos, conversar sobre aborto. Mesmo antes da adolescência, os filhos são capazes de entender o valor da vida humana. Se eles têm muitos irmãos e nós dissermos que pessoas querem matar bebês dentro da barriga das mamães, eles ficarão comovidos, por estarem muito envolvidos com o nascimento de novos irmãozinhos. Esse assunto, no entanto, deve ser tratado de forma muito cuidadosa.

As roupas das meninas

É comum termos dificuldades para conversar com as nossas filhas a respeito de que tipo de roupa é adequado usar. Nesse ponto, se eu fosse mãe de menina, me manteria atenta à moda para adolescentes, gastaria uma nota com roupas, para que ela se sentisse poderosa. Às vezes, as mães não querem que as filhas vistam shorts curtos ou andem com a barriga à mostra, mas não lhes dão outra opção. Vejam só quantas blogueiras se vestem bem e não são vulgares. Acho que podemos entrar nessa de acompanhar a moda e ajudar as nossas filhas a marcar tendência. Penso que, se ajudarmos as nossas filhas a se vestirem bem, elas mesmas perceberão como é legal estar bem-vestidas e usar roupas bonitas. Assim, elas influenciarão muito mais do que serão influenciadas.

Nenhum material de natureza erótica deve ser apresentado às crianças e aos jovens, em qualquer idade que estejam. Não faz sentido mostrar pornografia aos filhos. Nenhum rapaz vira homem vendo pornografia — pelo contrário, isso faz com que ele não veja a dignidade da mulher do jeito que um homem de verdade deve ver.

Nenhum adolescente ou criança deve ser convidado ou obrigado a participar de atividades que lesem a delicadeza e sejam contrárias à sua noção de intimidade. Isso acontece freqüentemente. Já vimos milhares de vezes adolescentes ficarem com vergonha ao manejar camisinhas, ao ter de expor a própria

intimidade, ao falar do que já fizeram sexualmente. Isso lhes pode ser altamente danoso. Nenhuma dramatização deve ser feita. Não devem ser passadas imagens explicativas às crianças. Não devem ser realizados pelos nossos filhos exames orais ou escritos sobre coisas eróticas.

Por outro lado, é essencial evitar dar uma educação voltada à negatividade. Também temos de desviar das situações que façam os adolescentes tomarem decisões a respeito de questões morais elevadas e complexas demais. Essas questões precisam ser conversadas dentro de um ambiente seguro, em que haja uma moralidade normal e seja possível perceber o certo e o errado ordinariamente, não tomando como exemplos as exceções mais absurdas que existem. Tomar as exceções e casos difíceis como exemplos pode levar a criança a um relativismo moral, alimentando nela certa indiferença — a criança fica tão impressionada com o caso excepcional que se torna incapaz de definir o certo e o errado.

Homossexualidade

O casamento entre homem e mulher tem uma natureza permanente, procriadora e conjugal. Algumas coisas que aconteceram ao longo da história pouco a pouco mataram essas características: a aprovação do divórcio acabou com a permanência, os métodos anticoncepcionais desqualificaram a idéia de procriação, e a admissão do casamento entre pessoas do mesmo sexo desmanchou a natureza conjugal do casamento. Assim, o casamento se tornou algo indefinido. Hoje em dia tudo é permitido e casamento não é casamento. Nesse contexto, explicar aos nossos filhos o dom de si fica muito mais difícil. A verdade é que o casamento entre pessoas do mesmo sexo é uma impossibilidade ontológica e metafísica. Sem a complementaridade sexual não é possível haver casamento. O ato marital não se completa fisicamente quando a relação é homossexual. Para o casamento ser válido, tanto na Igreja quanto na vida civil, é

preciso haver consumação do ato. E isso não é uma posição religiosa. Nas leis civis do Reino Unido, isso existe: um casamento é nulo se não houver consumação do ato sexual entre homem e mulher, isto é, não havendo a consumação, o casamento não acontece, não existe. Adicionou- se uma cláusula que abre exceção aos homossexuais porque, evidentemente, não se trata da mesma coisa. Os casamentos heterossexual e homossexual não têm a mesma natureza. Por mais que dois homens ou duas mulheres se amem, a união deles não configura um casamento, não há consumação do ato conjugal. Pode haver, é claro, uma relação muito íntima, uma amizade sincera de duas pessoas que se gostam e se querem, mas não há fecundidade, entrega total (o dom de si), complementaridade, e várias outras características importantes e necessárias ao amor humano e conjugal.

Se, pela idade avançada ou por uma doença, não for possível que uma união heterossexual gere filhos, não há problema. A natureza do ato sexual entre o casal é aberta à vida, e isso basta. Uma união conjugal válida sempre contém a *possibilidade* de dar frutos, ainda que estes não apareçam devido a problemas de infertilidade, senilidade ou a enfermidades.

Entre duas pessoas, relacionamento sem sexo é amizade, não casamento. O Estado pode dizer o contrário, mas não tem poder para mudar a realidade. O seu papel é legalizar, mas ele não é capaz de alterar a essência do fato.

É necessário explicar isso aos nossos filhos. Porém, se eles forem muito pequenos, é melhor fugir o máximo possível dessas questões, já que as explicações inevitavelmente são muito complexas. Como falei anteriormente, não adianta querer colocar no mar alguém que não saiba nadar.

É importante deixarmos claro que é necessário respeitar as decisões das outras pessoas quanto às próprias vidas. O nosso compromisso é com a educação dos nossos filhos. Não devemos

ensiná-los a recriminar outras pessoas, mas os critérios que eles devem receber precisam, necessariamente, estar relacionados ao que é natural. Não podemos negligenciar o fato de que existe um movimento ideológico cuja finalidade é normalizar certas práticas, de que há um esforço para obrigar as pessoas a aceitar determinados comportamentos. Quando discordamos de algo do que dizem, somos chamados de "intolerantes" ou "insensíveis" — quando não perseguidos ou processados.

O que fazer na presença de alguém transexual

É necessário que você deixe claro que aquela pessoa é do sexo masculino ou feminino, mas que pode escolher se vestir como mulher ou como homem, porque cada um é livre para fazer as suas escolhas, desde que se responsabilize por elas. Diga que ele não é mulher ou homem apenas por se vestir com roupas femininas ou masculinas. Tente, também, não reduzir a pessoa à sua opção sexual, mas faça com que seu filho consiga enxergar a pessoa real que fez essa opção. A aparência tem a ver com uma decisão que ela tomou, e isso não a torna indigna.

O maior problema, no entanto, é que a homossexualidade coloca a escolha sexual como algo central na vida de uma pessoa, que determina a própria vida segundo esse fator, como se a preferência sexual dissesse quem a pessoa é. E isso não é verdade. Para termos uma vida sexual saudável, precisamos primeiramente ser pessoas, ter personalidades, a fim de que nos seja possível viver o dom de si e nos doar a outra pessoa. Como daremos para outra pessoa algo que não temos? A sexualidade é a vivência de uma ação corporal vinculada à nossa alma, ao nosso ser integral. Para que possamos vivê- la com liberdade e responsabilidade, precisamos saber quem nós somos. Novamente: antes de os nossos filhos pensarem em opções sexuais, eles precisam ser gente, ser pessoas de verdade, formar as próprias personalidades. Mas o que se faz hoje é, primeiramente, pensar na sexualidade, sem levar em consideração

a pessoa em si. E, inclusive, dando conotação sexual ao que ainda não tem.

Antes, um adolescente achar uma outra pessoa de mesmo sexo bonita não tinha relação alguma com atração sexual, mas, atualmente, lhes é oferecida essa possibilidade. Os adolescentes andam muito confusos com isso, especialmente as meninas. Tantas meninas ficam confusas em relação ao carinho, tipicamente feminino, que sentem por suas amigas, mesmo que também achem os rapazes bonitos! É necessário que a mãe converse com ela, conte situações pelas quais passou — com alguma menina que achava bonita, por exemplo; dizer a ela que não é necessário definir que tem ou não tem atração pelos dois sexos, e não sentir desespero, pois não devemos nos espantar com as coisas, já que elas simplesmente acontecem. Quando agimos desesperadamente, mostramos que nada entendemos de antropologia e da vida humana. Temos de nos preparar para quando as situações difíceis acontecerem — e a educação da sexualidade é sempre pessoal e varia de caso a caso. Se a pessoa realmente tem uma inclinação sexual diferente da natural, temos de ajudá-la a aprender a viver com isso, sempre levando em consideração o "dom de si", que é a verdadeira vivência da sexualidade.

Parte III

1 Os mistérios da vida

Para iniciar esta última parte, gostaria que você pegasse seu celular ou fosse até seu computador e assistisse a dois vídeos. O primeiro chama-se *What's virgin mean?* [O que quer dizer "virgem"?], e pode ser acessado neste *link*: youtube.com/ watch?v=R7_EzS7fXDA.

Escolhi este primeiro vídeo para mostrar que às vezes atribuímos um teor sexual a situações que nada têm a ver com sexo, como muitas perguntas das crianças ainda na fase de latência. Nessa idade elas não entendem o sexo como nós entendemos, e acabamos, então, fazendo projeções sobre as suas dúvidas. Não fazemos isso só em relação à sexualidade, mas também a muitas outras coisas, como quando nos antecipamos dizendo que a criança está com medo por ter acordado no meio da noite — sem saber se a causa de ela ter acordado foi essa mesmo. Ela começa, também, a chamar aquela sensação de "medo". Depois disso, diz continuamente que está com medo, e não sabemos o que fazer, porque não é medo de verdade. Precisamos nomear corretamente as sensações e as coisas que a criança vê, para que ela entenda os influxos que lhe vêm de fora. Com isso, ordenamos as situações, os sentimentos e, enfim, toda a sua afetividade.

Portanto, cuidado para que não sejamos nós a sexualizar as crianças, ainda que com a boa intenção de ensinar. Estamos tão atordoados com o assunto e preocupados com o modo como vamos repassá-lo a elas, que acabamos falando mais do que é necessário, de coisas a respeito das quais as crianças sequer queriam saber. Sejamos cuidadosos.

Abuso sexual

O segundo vídeo tem a ver com a questão do abuso sexual. Chama-se *Child Predator Social Experiment: Would your kid Take Candy From a Stranger?* [Experimento social de pedofilia: O SEU FILHOaceitaria doces de um estranho?], e está neste *link*: youtube.com/watch?v=XAQ9T2Lpq48.

Muitas pessoas me perguntam como se pode evitar o abuso. Uma das orientações, que vem de vários lugares, entre os quais o próprio Ministério da Saúde, é dizer às crianças que não devem deixar ninguém tocar em suas partes íntimas, exceto os próprios pais. Eu insisto em dizer que isso não evita o abuso sexual.

Pedimos para as crianças não falarem com estranhos e não aceitarem coisas, e temos certeza de que elas entendem o conselho. No vídeo vocês viram que as crianças acabam achando que a pessoa com quem elas estão conversando não é estranha e, portanto, crêem que podem aceitar uma coisa dela, tudo pelo fato de ter conversado com ela por mais de cinco minutos. A criança sofre abuso sexual, na maioria das vezes, quando tem entre oito e onze anos.

As crianças não têm malícia para perceber o perigo. Além disso, elas podem, no caso de ter sido abusadas, não conseguir contar o que lhes aconteceu. Mesmo adultos às vezes têm dificuldades, pois muitos são abusados sexualmente e não conseguem contar o fato por se sentirem envergonhados e culpados. No caso das crianças é ainda pior, porque elas são muito mais frágeis e têm menos recursos do que os adultos. Penso que a melhor maneira de evitar o abuso sexual é deixar as crianças o mínimo possível com outros adultos sem supervisão — seja do mesmo sexo ou do sexo oposto.

O problema, muitas vezes, é que o abusador faz parte do círculo de convívio íntimo da família. Isso agrava e dificulta a situação. É realmente complicado, e o melhor é que fiquemos sempre de olho nos menores sinais e em quaisquer alterações comportamentais, o que é também muito difícil, porque as alterações de comportamento que acontecem em decorrência do abuso sexual podem ir tanto para o lado da timidez extrema, quanto para o da hiperatividade.

Os sintomas podem ser parecidos com os de outros problemas. Em certos casos, só se descobre o abuso após haver decorrido muito tempo. Para agravar mais a situação, em cerca de 80% dos casos não há uma lesão na região do corpo em que a criança foi abusada. Ou seja, nem mesmo observando os filhos os pais conseguem saber se aconteceu um abuso ou não. A exposição de crianças a vídeos explicativos e a outros conteúdos sexuais mais atrapalha a fase de latência do que ajuda.

As crianças, por mais que lhes ensinemos e orientemos, *não sabem o que fazer em casos concretos*, pois as nossas orientações são abstratas demais. No caso do vídeo, o próprio sujeito falou às crianças: "Mas vocês aceitam coisas de estranhos?", e elas lhe respondiam: "Não, mas você não é estranho, porque estava brincando conosco e fazendo mágica". Apenas isso já é suficiente para o sujeito não ser visto pelas crianças como estranho. Se uma pessoa maldosa vem com um papo legal, conversando por uns cinco minutos, a criança começa a pensar que está tudo bem, já se sente segura. O vídeo é importante porque nos faz ver que somos responsáveis por cuidar da segurança dos nossos filhos, que precisam ser protegidos, porque o mundo está cheio de gente mal-intencionada. Não adianta acharmos que com apenas algumas orientações o problema estará resolvido. No vídeo, havia inclusive crianças maiores de sete anos, e mesmo elas não conseguiram identificar a situação de risco. As crianças já partem do princípio de que o estranho com quem elas conversam é uma boa pessoa.

É importante darmos uma pequena antecipada no assunto para que as crianças não sejam expostas a informações ruins pelo meio social; mas não o podemos antecipar demais, para que a fase de inocência não seja perturbada. Devemos ter o cuidado de não dar muita carga sexual para as conversas.

Existe um livro chamado *The Joyful Mysteries of Life: Parents Unfold to Their Children*, cujos autores são Catherine e Bernard Scherrer. Logo haverá tradução para o português, e poderá ser lido pelos pais em companhia das crianças. Os autores, ao abordarem o assunto, dão, eles mesmos, um exemplo de como podemos fazer com os nossos filhos. Gostaria que lessem algumas partes, para que tenham uma noção de como podemos falar com os nossos filhos a respeito de sexualidade.

O livro é voltado para crianças um pouco maiores, para as quais já precisamos falar de algumas coisas mais sérias, por causa da

chegada da pré-puberdade, que acontece por volta dos dez ou onze anos de idade.

O que se segue é uma conversa entre pais e filhos extraída do livro:

> Você consegue se lembrar do nascimento de um bebê? Talvez, consiga se lembrar do nascimento de um irmãozinho ou irmãzinha — ou até mesmo de um primo, ou do bebê de amigos ou outros parentes. Tenho certeza de que você reparou que, logo antes de o bebê nascer, a mãe lhe prepara um berço: ela põe no berço lençóis bonitos, cobertores aconchegantes ou edredons macios — ou talvez coloque uma medalhinha amarrada a uma faixa. Tudo isso é feito com muito cuidado e amor para o bebê que estão esperando (embora ainda não o conheçam).
>
> Você já se perguntou o que era o berço do bebê antes de ele nascer, e quem o preparou? Antes de o bebê nascer, seu berço fica na barriga da mãe e se chama útero. É um bercinho bem macio, que Deus, por especialmente amar os bebês, dá às meninas a fim de que possam embalá-los por nove meses de sua vida, caso venham a ser mães, antes do nascimento deles.
>
> O útero fica na barriga das meninas, abaixo do umbigo. É do tamanho de uma pêra e é certamente muito confortável para o bebezinho que ali se acomoda no início da vida. Nesse momento, o bebê tem o tamanho de uma cabeça de alfinete, não se assemelhando em nada a um bebê já desenvolvido. Às vezes, os pais não percebem de imediato que ele existe, mas Deus percebe, porque já lhe deu uma alma e o ama.

Tomando por base o que acabamos de ler, já conseguimos dizer à criança que existe vida tão logo a concepção acontece, que o bebê é um bebê mesmo que não pareça, que toda vida humana nasce do amor. Continuemos a leitura:

> Uma vez que esteja acomodado no útero da mãe, o bebê cresce, e três semanas depois do início da vida, seu coração começa a bater. Com dez semanas, ele tem mãozinhas e pezinhos, e seu rosto pequenino começa a tomar forma. Com doze semanas, ele já tenta chupar o dedo. Com quatro ou cinco meses, a mãe já consegue sentir seus movimentos; o útero dela cresce, junto com o bebê, e sua barriga fica cada vez mais redonda à medida que ele começa a ocupar mais espaço. A vida oculta do bebê prossegue por nove meses.
>
> Você sabe como um bebê se alimenta enquanto está na barriga da mãe? Sabe por que tem um umbigo?
>
> O umbigo é a marca deixada pelo cordão umbilical, que une o bebê à mãe enquanto ele está no útero. O bebê o utiliza para obter comida: seu sangue passa pelo cordão umbilical e chega à placenta. A placenta é um órgão criado pelo bebê para ajudá- lo a

obter comida do sangue da mãe. Assim, para alimentar o bebê, a mãe precisa de mais sangue do que de costume.

Porém, o que acontece quando uma mãe não está esperando um bebê?

Todo mês, o útero de toda mulher se prepara para receber uma nova vida: suas paredes são cobertas por um forro, como uma espécie de colcha ou edredom, muito macio e rico em sangue, de maneira que, se um novo bebê vier a se acomodar ali, encontrará um berço confortável, onde não será perturbado. Se, por outro lado, nenhum bebê se acomodar ali, o forro deixará o corpo da mãe por meio de uma espécie de sangramento, que é conhecido como menstruação.

Como a menstruação sai do útero?

Deus deu às meninas e mulheres uma passagem que une o seu útero ao mundo exterior. É uma passagem muito delicada e se chama vagina. Ela termina num lugar escondido, atrás de onde sai a urina — a uretra. É importante não confundir esses dois lugares. É por isso que as meninas, quando já têm idade, e as mães, quando não estão esperando por um bebê, menstruam, mais ou menos uma vez por mês, perdendo o forro de sangue do útero.

Em alguns países, a menina menstruar pela primeira vez é um grande acontecimento para a família. É para os pais um momento de grande alegria saber que a menina está crescendo e que um dia poderá ser mãe também. Para a menina, a menstruação marca a sua entrada no mundo dos adultos, em que cada um é responsável pelo que faz.

Quando Deus concede a uma menina o dom da fertilidade, Ele mostra que tem nela muita confiança. De certo modo, dá a ela seu poder de criar novas vidas, e a menina precisa tentar ser digna dessa confiança, mesmo que Deus lha dê automaticamente, sem pedir nada em troca.

Esse dom é muito especial, mas pode ser prejudicado por algumas doenças; por isso, precisa ser cuidado. Isso precisa ser guardado, e não deve ser estragado ou abusado.

Por nove meses, o bebê cresce dentro da mãe. É impressionante como ele cresce rápido. No começo da vida, ele é do tamanho de uma cabeça de alfinete; nove meses depois, costuma pesar mais de três quilos e ter cerca de cinqüenta centímetros. Enquanto está no útero da mãe, sua cabeça fica normalmente apontada para baixo, com braços e pernas encolhidos para ocuparem o mínimo de espaço possível. A barriga da mãe, no entanto, está bem grande e redonda no momento em que ele nasce. A essa altura, a cabeça dele está com dez centímetros de diâmetro. Será que você ou sua irmã têm uma boneca do tamanho de um bebê recém-nascido? Como o bebê sai da mãe?

Deus decidiu que seria pela vagina, do mesmo modo como com a menstruação. Mas como um bebê desse tamanho passa por um canal aparentemente tão pequeno?

Bem, como você sabe, o útero é bem pequeno quando não há nele nenhum bebê. Ele cresce junto com o bebê dentro dele. A vagina, por sua vez, também muda nos últimos dias de gravidez, ficando mais larga no momento do parto para deixar o bebê passar.

Algumas horas antes do nascimento, a mãe começa a sentir contrações — é assim que ela sabe que o bebê está prestes a nascer. O marido a leva para a maternidade (a parte do hospital em que o parto acontece). O bebê nasce após algumas horas e respira pela primeira vez.

O nascimento do bebê costuma ser cansativo para a mãe, pois exige dela muito esforço. Às vezes, o parto é também muito doloroso, e essa é a razão de ela ficar, em certos casos, alguns dias acamada para se recuperar, antes de retornar para casa e cuidar de todos os outros filhos. Não obstante, esses primeiros dias são de grande alegria para os pais, porque lhes dão a primeira oportunidade de conhecer mais um novo membro da família, que eles já amam há nove meses.

Até agora, não falamos muito sobre o papel que o pai desempenha para dar vida a bebezinhos. O papel dele é importante (do contrário, ninguém nunca diria que você ou seus irmãos se parecem com ele).

Por puro amor, Deus criou os seres humanos como macho e fêmea, para que pudessem se casar e, sendo criados à sua imagem e semelhança, dar vida a filhos, também por amor. Deus também não quer que a mãe tenha de cuidar do bebê sozinha; se fosse assim, o bebê não teria um pai para amá-lo e protegê-lo. Assim, enquanto ele prepara um berço para o bebê em cada mulher (o útero), também dá a elas uma célula especial para fazer novos bebês. Essa célula especial se chama óvulo.

Todo mês, um óvulo é liberado por um dos dois pequenos órgãos chamados "ovários", que toda mulher tem — aliás, as mulheres têm dois, para o caso de um não funcionar. Quando ambos funcionam, alternam-se na produção dos óvulos. O momento em que os ovários produzem um óvulo é chamado "ovulação", e acontece duas semanas antes do início da menstruação.

Esse óvulo não tem capacidade de criar uma nova vida sozinho. Para a mãe ter um bebê, ela precisa que o pai da criança lhe dê uma outra célula — se ele não o faz, o óvulo morre rapidamente, perdido junto com a menstruação.

Como vocês sabem, o corpo dos homens é diferente do corpo das mulheres, e as células especiais usadas pelos pais para fazerem vidas novas são muito diferentes das produzidas pelas mães. As células dos homens são chamadas "espermatozóides" e são produzidas por glândulas chamadas "testículos". O pai, na verdade, dá à mãe um grande número de espermatozóides, e Deus é quem decide qual deles será unido ao óvulo da mãe para fazer um novo bebê.

Isso também é muito importante. Mostra para as crianças quão especiais elas são, independentemente de como elas tenham vindo à existência. Elas foram escolhidas a dedo em meio a um monte de outras células.

O momento em que Deus faz uma vida nova, unindo as células materna e paterna é chamado "concepção". O novo bebê, na concepção, ainda não tem pernas, braços,

boca ou olhos, mas já é um ser humano completo.

Logo, você é único, porque Deus escolheu amorosamente uma célula específica da sua mãe, e uma do seu pai, que se uniram e culminaram na sua vida.

É por você ser único que o amamos. Deus o conhece desde que o criou, e o amou mesmo antes de os seus pais saberem que você existia.

Você agora deve estar se perguntando o que o pai faz para dar à mãe suas células e criar uma nova vida. Ele as põe na vagina dela, na preciosa passagem por que o bebê irá nascer. Assim, pelo mesmo canal, a mãe recebe e dá a vida. Usando o pênis, o pai envia os espermatozóides à vagina da mãe, num lindo gesto de amor, que expressa a união de seus corações, almas e corpos. O modo como isso acontece é um segredo especial de seus pais, que agora lhe contamos porque eles o amam e o acham confiável. Porém, essa é uma questão muito pessoal, sobre a qual você não deve discutir com outras pessoas.

O segredo está no coração do amor entre os pais: se você falar dele, pode estragá-lo e fazê-lo sofrer. Se você quiser falar disso, fale somente com os seus pais ou com pessoas em que seja possível confiar. Se você se casar quando crescer, poderá dividir isso com a pessoa com quem se casou. Deverá, em seguida, guardá-lo no seu coração e, quando for a sua vez, confiá-lo aos seus filhos, na hora apropriada.

Agora, lerei uma parte do livro em que os autores falam da virgindade das meninas:

Quando você dá um presente a alguém, ele deve ser novo e dado para sempre. Você não dá um presente e diz: “Ah, vamos ver; de repente, pego o presente de volta, caso eu tenha vontade de fazê-lo”. Que presente ruim é esse que você pega de volta?

Quando uma moça se casa, ela se dá para o marido no dia do casamento, como um maravilhoso presente. Ela deve ser pura, bem como um presente deve ser novo; e ela se dá a ele para sempre. Obviamente, para o marido funciona do mesmo jeito: ele deve ser puro e dar-se a ela para sempre, mas, aqui, estamos falando para as meninas.

Para que se lembrem desses presentes para os maridos, Deus marcou as meninas com um sinal físico, pondo-lhes o seu selo. Antigamente, um nobre, ao escrever uma carta, tinha um jeito de garantir que apenas seu destinatário iria lê-la. O método que ele usava era dobrar a carta e pôr nela um selo de cera, marcado com o seu próprio sinal privado. A pessoa para quem tinha escrito, a única com direito de ler a carta, romperia o selo para abri-la.

Deus fez com as meninas algo muito parecido. A menina grávida abriga o seu filho até que ele nasça — assim como Jesus na Hóstia Sagrada, abrigado no sacrário da igreja. Por isso, os meninos e os pais têm de respeitar as moças e as mães — elas são sacrários do mistério e da vida. O sacrário de uma menina é fechado pelo selo de uma membrana, muito fina e delicada, localizada na entrada da vagina, cujo nome é hímen. Depois de se casar, o marido pode delicadamente abrir a entrada desse tabernáculo,

rompendo a membrana através de uma bonita ação que expressa a união do casal. É com essa ação que eles criam uma nova vida. Ela é o segredo do amor entre seus pais.

Deus dá ao marido o direito de romper o selo pelo sacramento do matrimônio. Sem esse sacramento, o homem não tem o direito de fazê-lo, e a moça, por sua vez, não tem o direito de permiti-lo. A membrana é um selo e marca a virgindade do

corpo de cada menina. Se uma menina não sabe que deve guardar sua virgindade e acaba deixando um garoto fazer o que deveria ficar para o marido dela, a membrana não pode ser restaurada; e a menina, portanto, não se dará intacta ao futuro marido no dia do casamento.

É um livro bonito e emocionante, muito delicado ao falar do assunto. Nele, todas as coisas são faladas não com ar de mistério, no sentido de que algo não possa ser revelado, mas com um ar de mistério revelado na intimidade, revelado por pessoas que amam. Com esses trechos, quero dar a vocês uma noção de como podemos falar com os nossos filhos sobre sexualidade sem ter uma visão baixa, rasteira.

Alguns pais precisam reformar e fazer diversas mudanças na própria sexualidade antes de dar quaisquer explicações aos filhos. Quero, então, tratar mais especificamente de três aspectos que julgo importantes: o pudor, a contracepção, e a masturbação e a pornografia.

2 A importância do pudor

O pudor é, à primeira vista, um sentimento de vergonha, que nos leva a não manifestar algo de nossa intimidade. Mas ele não diz respeito apenas a coisas indecentes. Muitas vezes, também está relacionado às coisas boas. Temos, por exemplo, certo pudor de falar dos dons recebidos; quase todos nós temos alguma vergonha de dizer que somos inteligentes, bonitos ou simpáticos. E é assim porque tais atributos pertencem à nossa intimidade.

Temos de fato coisas que precisamos deixar reservadas para nós, sem a necessidade de mostrarmos a todas as pessoas. Então, o

pudor não está ligado somente ao nosso aspecto físico, mas também ao dos sentimentos: é necessário que haja um cuidado exterior, do corpo, e um interior, dos sentimentos e da afetividade. Não podemos expressar para as pessoas tudo o que se passa em nosso interior, porque elas nem sempre estão dispostas a escutar com benevolência, cuidado e atenção.

O coração de cada um de nós é como um sacrário. Temos de desatar as sandálias dos nossos pés para podermos entrar no coração, no sacrário de cada pessoa. E é preciso termos noção disso em relação a nós mesmos, assim como para com outras pessoas, em cujos corações não podemos entrar falando qualquer coisa, em cuja intimidade não podemos nos meter sem mais nem menos. Ao não preservarmos nossa intimidade, nós a expomos a maus tratos, a considerações indevidas, a pessoas que não levam em conta a nossa personalidade e história, tudo o que carregamos dentro de nós — o passado, o presente e as nossas aspirações, o futuro.

Hoje, é muito comum as pessoas ficarem com um pé atrás quando falamos de pudor, confundindo pudor com puritanismo, muitas vezes levando tudo para o lado pseudo- religioso, algo hipócrita ou exagerado. Tudo isso está errado; entretanto, também não podemos tratar o nosso corpo de forma totalmente naturalista. É ingenuidade acreditar que a exposição a estímulos de nudez faz as crianças superarem as dificuldades da adolescência por estarem acostumadas ao nu. Isso mostra como as pessoas se esqueceram do que realmente o ser humano é feito. Querem, de certa forma, tentar fazer com que voltemos à nossa pureza original, tal como era com Adão e Eva no Paraíso, quando não havia pecado ou inclinações ruins. Bobagem. Todos sabem — e podem constatar mediante exame interior — que têm más inclinações.

Há uma dicotomia entre corpo e alma. O nosso corpo e a nossa alma não vão para o mesmo lugar. Basta observarmos como, às

vezes, nossa cabeça quer fazer certas coisas e o nosso corpo não corresponde: queremos estudar, trabalhar bem, ser leais e generosos, mas o corpo não corresponde. Tentar dessensibilizar os filhos com exposições ao nu, para que não tenham nenhum problema de sexualidade, é algo absurdo, porque é ignorar a própria constituição do ser humano, essa contradição que todos trazemos dentro de nós. Essa dessensibilização não nos faz ver o corpo como ele de fato deve ser visto. Com as nossas debilidades humanas, deveríamos olhar para o corpo de uma pessoa e ver também a sua alma. No princípio, no Paraíso, era assim: Adão e Eva se entreolhavam e não se viam nus; eram capazes de ver a nudez um do outro sem que ela os prendesse ou lhes causasse vergonha. Houve um momento, no entanto, em que isso foi perdido. No mundo de hoje, não conseguimos olhar para o corpo nu de uma pessoa e ver a sua alma, estamos presos aos aspectos materiais. Mesmo que não tenhamos maldade em nosso coração, é como se o corpo estivesse opaco e não conseguisse revelar a alma e a personalidade do ser humano.

Não adianta tentar resolver essa dicotomia mostrando cada vez mais o corpo. Ver vários corpos nus não faz com que comecemos a enxergar a alma das pessoas, porque nesse caso há em nós uma quebra, uma dissociação, que adoece a nossa alma, e instaura nela más inclinações. Para cuidar dessas inclinações ruins é preciso, ao contrário, ajustar o nosso olhar, ajudá-lo; e fazemos isso cobrindo o que precisa ser coberto. Para revelar a alma é preciso encobrir o corpo. Devemos treinar o olhar dos nossos filhos para que eles consigam mostrar as suas próprias almas e ver as dos outros — mas não conseguiremos isso se estivermos com o nosso corpo totalmente exposto.

Quando vemos uma pessoa impudica, vulgar, sem cuidado com sua intimidade, não conseguimos olhar para o que ela realmente é como pessoa — pelo contrário, muitas vezes projetamos na história e personalidade dela muitos preconceitos. Agora, quando vemos um homem ou uma mulher bem vestidos, somos capazes de

ver o que querem mostrar com relação à própria alma. Aqui entra o cuidado com o nosso corpo, com as roupas que vestimos e a maneira como as vestimos. Isso permite que as pessoas nos vejam como de fato queremos ser vistos.

Podemos deixar os nossos filhos nos verem despidos?

Se devemos ou não ficar sem roupa na frente dos nossos filhos é uma dúvida muito freqüente. Bem, o sentido da visão é o mais próximo do intelecto. Os homens apreciam mais facilmente aquilo que conseguem ver, e as coisas que os olhos vêem imprimem uma marca profunda na alma humana. Essa marca forma um substrato rico e fecundo para o pensamento, e se desenvolve ao longo da vida. O pensamento, no entanto, pode ser tanto rico e profundo, quanto imundo e desprezível.

Há coisas que precisamos lhes ensinar desde a mais tenra infância, para já começarem a criar hábitos que, posteriormente, possam se transformar em virtudes. Não sei se vocês conseguem perceber, mas uma criança muito pequenininha, ao ver a mãe ou o pai sem roupa, presta mais atenção neles assim do que quando estavam de roupa. A criança realmente percebe desde muito cedo essas coisas, e não sabemos como isso a afeta.

Precisamos tomar cuidado com o que imprimimos na alma dos nossos filhos. Não sabemos que coisas exatamente ficam marcadas na alma deles, nem como elas se desenrolarão no decurso de suas vidas. O exemplo é importantíssimo na educação. Quando cuidamos da nossa própria intimidade, eles entendem que precisam também cuidar da intimidade deles. Isso, aliás, é uma das coisas mais importantes para evitarmos o abuso sexual. Não é uma defesa infalível, mas com certeza terá alguma influência sobre eles, que ficarão surpresos ao se deparar com condutas opostas ao que aprenderam. É aquilo que todos sabem: quando costumamos ouvir apenas música erudita e, de repente, escutamos um funk, o impacto é enorme; ou quando estamos muito acostumados com a alta literatura e, depois, temos de lidar com literatura baixa e vulgar.

Se ensinarmos os nossos filhos a cuidar da própria intimidade, conseguiremos perceber algo de estranho quando esta for minimamente violada. Agora, se não os ensinamos desde cedo a se preservar, esse contraste dificilmente será visto.

É importante educarmos os nossos filhos nesse sentido — tanto os meninos quanto as meninas —, para que cuidem de seus corpos, fazendo as pessoas os verem como seres dignamente humanos, com personalidade e história, com uma intimidade a ser revelada a quem ela é digna de ser revelada. Temos de não só

explicar isso para os nossos filhos, mas sempre ter esse cuidado com a intimidade e os educar pelo exemplo.

No casamento, quando há um ato conjugal verdadeiro, cuja entrega é real, os corpos de fato se apresentam nus, mas há uma aliança, um pacto mútuo de total doação. Isso faz com que o casal transcenda a realidade carnal que está diante dele. A sexualidade, nesse caso, vai expressar o que sente a alma; o corpo vai revelar o invisível, os afetos, tudo o que está no mais íntimo. A intimidade deve ser revelada apenas àquelas pessoas que amamos e que nos amam. É assim que devemos ensinar o pudor para os nossos filhos. Precisamos preservar o nosso mundo interior, os segredos do nosso coração.

O pudor inspira o modo como nos vestimos, e as nossas vestimentas estarão ligadas à moda, à elegância, à fineza. Cuidar do pudor não é se vestir de maneira anacrônica, mas sim de acordo com a cultura. Isso não significa que temos de nos deixar levar pela moda vigente. Devemos pegar da cultura o que ela tem de melhor e mais precioso, e ver como isso se encaixa na nossa intimidade.

Criança não namora

Costumamos dizer para os nossos filhos que "criança não namora". Contudo, é importante que criemos com eles uma relação de compreensão. No caso de uma menina que já se "apaixonou" por um menino da mesma idade, por exemplo, é interessante falar que "a mamãe já sentiu isso", para que ela não ache que é uma coisa pela qual ninguém mais passou. Esse é o momento de fazer algumas confidências com os filhos, e dizer coisas como: "A mamãe não só já sentiu isso, mas o sentiu em relação a mais de um menino. Ainda bem que não falei disso para todos eles, porque nem todos entenderiam o que eu tinha a dizer! Portanto, não precisamos reagir a tudo o que sentimos. Quando somos jovens, esses sentimentos são fugazes: nós sentimos e logo passa. Tenha, então, um pouco de cautela quanto às suas próprias emoções, e converse sempre com a mamãe". É essa a hora de educar a afetividade dela.

Os pais podem viver o pudor na frente dos filhos ao cuidar da efusão da sua intimidade. Isso não exclui, é claro, beijarmos

nossos cônjuges na presença das crianças; temos apenas de tomar cuidado para não mostrar nossa intimidade de forma despudorada, porque ela é apenas *nossa*. Por isso devemos estar atentos para quando as crianças dormirem nos nossos quartos. Elas não podem participar da intimidade dos seus pais. A intimidade dos pais é somente dos pais. Esse é um dos motivos pelos quais acho que é errado as crianças dormirem na cama dos pais.

Não se trata de envolver o amor entre marido e mulher numa máscara de frieza, mas de cultivar a *elegância* no convívio. Os filhos podem ver que os pais se amam, mas que os vejam se amando elegantemente, não de forma descuidada. Precisamos cuidar, então, para não termos um relaxamento na postura, no modo de nos vestirmos, etc. Muitas vezes, isso fica confuso na cabeça das crianças, por talvez, em casa, estarmos vestidos de maneira despudorada e descuidada, e por querermos, ao mesmo tempo, que os filhos cuidem do pudor quando estiverem fora de casa. É preciso cultivar o hábito dentro da nossa casa sempre. É assim que se ensina. É o mesmo caso de quando a família vai ao restaurante. Como é que vamos chegar no restaurante e dizer aos filhos que eles precisam comer de garfo e faca, com todo decoro, cuidado e educação possíveis, se em casa comem com a mão, não têm hora para comer e saem da mesa quando bem entendem? Eles não vão saber se portar no restaurante ou na casa de outra pessoa.

Uma outra coisa que ajuda a cuidar da intimidade das crianças é cultivar conversas familiares que não exponham as vidas alheias. Ficar falando mal dos outros, depois que as pessoas saem da nossa casa, não é nada bom. Não temos o direito de nos intrometer na intimidade das outras pessoas e isso é um exemplo terrível para as crianças.

Também precisamos filtrar o que entra em nossos lares pelos meios de comunicação. É comum os programas de televisão exporem indevidamente as intimidades das pessoas. Peguemos o

caso da menina de dez anos que foi abusada.[3] Percebam como a intimidade dela foi violada. Por que tínhamos o direito de entrar na vida dela, de saber seu nome, o que aconteceu, em qual hospital ela estava? Imaginem a criança, mais tarde, revendo toda essa situação, esse circo que se formou em torno dela. Ninguém estava realmente preocupado com ela, todos estavam preocupados tão-somente com uma agenda, pró ou contra o aborto.

É muito comum que nossos filhos, num ambiente de confiança — como é o ambiente familiar, cheio de brincadeiras — descuidem do pudor. Precisamos nos certificar de que eles aprenderam a tomar banho e a se vestir sozinhos ou a fechar a porta do banheiro quando estiverem se arrumando. Não devemos deixar que fiquem horas no banheiro; devem ir até lá para trocar de roupa e voltar. Então, temos de nos assegurar de que eles fecham a porta, e de que batem nela quando a encontram fechada. Quando há adultos conversando e estes pedem para as crianças saírem, elas precisam entender que devem sair mesmo. Devemos fazer os nossos filhos compreenderem que existe uma esfera privada a cuja intimidade eles não têm acesso.

Precisamos também saber guardar os segredos dos nossos filhos, não expondo a intimidade deles para outras pessoas. As mães normalmente querem contar aos outros tudo quanto os seus filhos fazem e acabam exagerando, contando o que não devem. Eu mesma acabo fazendo isso às vezes: querendo contar coisas boas, acabo contando demais, e os meninos podem se sentir violados, dependendo do caso. Tento, então, tomar muito cuidado ao contar coisas sobre eles, mesmo as boas, porque, às vezes, eles não querem que se tornem públicas.

O que fazer quando os filhos já estão acostumados a ver os pais trocando de roupa e a tomar banho com eles?

Se a criança for muito pequena, basta mudar de hábito; não é necessário dar a ela uma explicação muito elaborada. Por causa da chamada "disciplina positiva", muitos pais pensam que devem explicar tudo aos filhos. Mas não,

não devemos explicar tudo a eles. Às vezes, precisamos apenas mudar os hábitos.

Para crianças maiores, pode ser um pouquinho mais complicado; talvez elas questionem um pouco. Portanto, devemos ser muito sinceros com elas, respondendo algo como: “Olha, achamos melhor assim; isso não é adequado; estudamos a situação e chegamos à conclusão de que precisamos preservar a sua intimidade, que não pode ser violada por outra pessoa. Então, agora, cada um tomará o seu banho”.

Os pais que tomam banho com os filhos e compartilham suas camas com eles devem parar para pensar se não estão, com isso, prejudicando a autonomia dessas crianças. O que forma a auto-estima é a capacidade de agir sozinho, de realizar tarefas. Se tiramos dos nossos filhos a autonomia, eles não descobrirão seu lugar no mundo. Perguntem a si mesmos por que insistem em tomar banho com os filhos. Uma alternativa muito melhor, para os educar, seria permitir que tomassem banho sozinhos. Caso algo precise ser mudado, ajam o mais rápido possível.

---

3 A contracepção na vivência da sexualidade

Para que ensinemos os nossos filhos a viver a sexualidade, nós mesmos temos de vivê-la coerentemente. Não há como falarmos da importância da sexualidade e da sua finalidade, que é o surgimento de uma nova vida, se não temos o verdadeiro cuidado com essa nova vida. Precisamos rever os conceitos em relação isso. Não estou falando para ninguém ter quatrocentos mil filhos, mas sim da vivência da sexualidade, que é essencialmente uma abertura à vida. Isso não significa que as pessoas terão vários filhos, porque todos têm mentalidades e situações financeiras específicas, e ter vários filhos é uma decisão íntima do casal, não minha. Mas deve-se entender que a sexualidade visa em primeiro lugar ao surgimento de novas vidas, e que se a nossa cabeça não estiver voltada para isso, teremos uma série interminável de problemas.

Hoje as pessoas acham que a contracepção é uma questão de responsabilidade. Olham para famílias numerosas e erroneamente crêem que elas são compostas de irresponsáveis, inconseqüentes,

ao passo que, pensam, as famílias em que há no máximo um ou dois filhos, essas sim são constituídas por gente responsável, prudente, que não descuida da própria sexualidade. De forma nenhuma estou dizendo que aqueles que têm somente um filho, ou que não têm filhos, são pessoas irresponsáveis e que não vivem responsavelmente a sua sexualidade, porque seria uma tolice generalizar — cada pessoa tem sua situação específica. O ponto é outro: como entendemos a sexualidade e como estamos abertos ao que é a sua natureza? Será que a contracepção foi de fato uma evolução? Será que fomos, até seu surgimento, criados de maneira errada? Será que é equivocada a união entre o prazer e a geração de novas vidas? Precisamos nos fazer essas perguntas. Quando falamos de fertilidade, não nos referimos a uma doença, a um transtorno ou a um defeito, mas a uma realidade saudável do corpo humano.

O coração enfermo precisa de medicação; uma visão ruim precisa de óculos; o órgão ferido precisa de uma cirurgia; a fertilidade, por sua vez, não precisa de nada para funcionar, simplesmente funciona. A sexualidade é o mecanismo por meio do qual novos seres humanos são gerados, e isso é da própria natureza. A contracepção é que atrapalha o funcionamento saudável do corpo humano. Ela não é um remédio para a fertilidade, mas sim algo que atrapalha os processos naturais do corpo.

Gostaria de narrar, brevemente, como essa idéia de que a contracepção é algo benéfico se instalou na cultura, e na cabeça de quase todo mundo.

Brevíssima história da contracepção

Tudo começou em 1920, com a linha americana de controle de natalidade de Margaret Sanger, que depois fundou a Planned Parenthood (uma instituição que defende o uso de anticoncepcionais e o aborto). Em 1930, uma igreja anglicana começou a aceitar a contracepção entre casados que estivessem em

situações graves. No ano seguinte, essa aprovação passou a se dar para uso cuidadoso e restrito dos anticoncepcionais entre casais, ou seja, não mais apenas em situações graves, desde que os usassem restrita e cuidadosamente. Quando isso aconteceu, tanto religiosos quanto pessoas seculares foram contrários à aceitação, pois sabiam de seus males. Chegou a sair uma matéria num jornal chamado *The Washington Post* em 1931, na qual se dizia o seguinte:

> Se levado a cabo o relatório do comitê [da Igreja Anglicana], tendo em vista a sua conclusão lógica, será a sentença de morte do casamento, porque estabelecerá práticas degradantes que encorajarão a imoralidade de um modo nunca antes visto. A sugestão de que contraceptivos legalizados devam ser usados de modo "limitado" e "cuidadoso" é absurda.

Aqui, entra a questão da consciência: como a contracepção era algo recente e as pessoas tinham uma visão do casamento e da sexualidade muito correta, conseguia-se ver o absurdo e a nocividade de tal prática. O jornal mencionou "a morte do casamento" e "práticas degradantes que encorajarão a imoralidade de modo nunca antes visto". É o que realmente estamos vendo. Vemos como os homens não olham para as mulheres com o devido respeito e vice-versa. Vemos como a quantidade de divórcios aumentou. Vemos a quantidade de pessoas em situações ignominiosas, cometendo, por exemplo, múltiplos adultérios.

Diversas denominações protestantes — porque isso surgiu na Igreja Anglicana — se indignaram com a orientação, mas, tempos depois, todas a aceitaram. Inclusive houve, dentro do Vaticano, nos anos 60, um comitê de controle de natalidade, a favor da contracepção, mas o Papa Paulo VI, em 1968, redigiu a carta encíclica *Humanae vitae*, rejeitando o uso de métodos contraceptivos. Indo contra toda a tendência que havia dentro da Igreja, que era a da contracepção, o Papa pôs termo ao assunto, escrevendo a encíclica mencionada (aliás, aconselho que vocês a leiam). Nela, o Papa evidencia quais aspectos devem estar

presentes num ato conjugal — aspectos unitivo e reprodutivo — e cuja ausência implica em um problema moral.

Diz o Papa, num trecho da encíclica:

> [O uso da anticoncepção] abriria caminho amplo à infidelidade conjugal e à degradação da moralidade. Não é preciso ter muita experiência para conhecer a fraqueza humana e para compreender que os homens — os jovens especialmente, tão vulneráveis neste ponto — precisam de estímulo para ser fiéis à lei moral, e não se lhes deve proporcionar qualquer meio fácil para eludirem a sua observância. É ainda de recear que o homem, habituando- se ao uso das práticas anticoncepcionais, acabe por perder o respeito pela mulher e, sem se preocupar mais com o equilíbrio físico e psicológico dela, chegue a considerá-la como simples instrumento de prazer, não mais como a sua companheira, respeitada e amada.

Vocês podem até pensar que isso é apenas coisa da Igreja, mas não é. A Igreja não pode impor a ninguém os seus pontos de vista. O que o Papa fez, na encíclica, não foi isso. Ele apenas explicitou a *lei moral natural*. Essa lei se aplica a todas as pessoas de boa vontade, e consiste em questões que determinam o desenvolvimento do ser humano (seus vícios, suas virtudes, o bem e o mal).

A inteligência humana, sem o suplemento da fé, é capaz de ter clareza sobre essa lei moral natural, de identificar como o ser humano funciona da melhor maneira e as conseqüências de quando ele não age do jeito que deve agir. É como se tivéssemos o manual de um liquidificador. Poderíamos usá-lo de qualquer maneira ou da melhor maneira possível, seguindo as orientações do manual. Quando o ser humano vive segundo o "manual de instruções", de acordo com aquilo para que foi feito, vive da melhor maneira possível.

O que a Igreja fez, portanto, foi tornar mais clara essa lei moral natural e orientar as pessoas. Como é que se deve viver moralmente a sexualidade? Deve-se cuidar de dois aspectos: unitivo e reprodutivo; do contrário, será preciso enfrentar todas as conseqüências mencionadas no excerto da encíclica, como, por exemplo, o desrespeito à mulher, o esquecimento da reverência

que lhe é devida, a despreocupação do homem com o seu equilíbrio físico e emocional, a vivência de um prazer egoísta, a degradação da moralidade, o aumento da infidelidade conjugal, dentre outras coisas puramente negativas. Eis tudo quanto o Papa disse, sem necessariamente impor nada a ninguém.

Martin Luther King disse uma coisa muito interessante:

> Há dois tipos de leis: as justas e as injustas. Sou o primeiro a defender que devemos obedecer às leis justas. A obrigatoriedade de obedecer às leis justas não é só legal, como também moral. De igual modo, temos obrigação moral de desobedecer às leis injustas. Concordo com Santo Agostinho: a lei injusta não é, de modo nenhum, uma lei propriamente, por não estar de acordo com a lei moral.

Qual é a diferença entre esses dois tipos de lei? "Uma lei é justa, outra é injusta. Uma lei justa é um código criado pelo homem em conformidade com a lei moral; por sua vez, uma lei injusta não está em conformidade com essa lei moral". Nas palavras de Santo Tomás de Aquino: "Leis injustas são leis humanas que não têm raízes na lei moral natural".

Você que é favorável à contracepção e ao aborto, já parou para pensar que as suas idéias podem ter sido originadas na Planned Parenthood? Pois é, lembre-se do que falei no primeiro capítulo: há mais coisas entre o Céu e a Terra do que suspeitamos, e o que pensamos ser uma idéia original, independente, surgida na nossa própria cabeça, pode ser na verdade fruto das teses criadas por alguma instituição multimilionária cujas intenções são das mais obscuras. A contracepção realmente atrapalha a vivência da sexualidade; e, se não vivemos bem a nossa sexualidade, não conseguimos orientar os nossos filhos quanto a suas vidas sexuais.

Retomo o que disse lá no início: Você, que talvez seja favorável à contracepção e ao aborto, sabe de onde vêm as suas idéias? Sabe por que concorda com aquilo que concorda? Já parou realmente para pensar na contracepção, ou as suas idéias são simplesmente idéias incutidas pela Planned Parenthood, que estão aliás na cabeça de todo mundo, nas escolas, nos livros e nas orientações de

faculdades de medicina, etc.? Essas idéias estão disseminadas em todos esses lugares, mas seguimos achando que nós as pensamos com nossa própria cabeça.

A contracepção realmente atrapalha a vivência da sexualidade; e, se não vivemos bem a nossa sexualidade, não conseguimos ensinar os nossos filhos a viver a sexualidade em conformidade com tudo o que falamos até aqui.

4 Masturbação e pornografia

Foi descoberto, em estudos recentes, que a pornografia e a masturbação alteram o funcionamento do cérebro humano, podendo causar dependência como se fosse uma verdadeira droga, semelhantemente à cocaína ou à heroína. A dopamina é o hormônio do prazer, e, para sentirmos a sensação de prazer e satisfação, há um circuito de recompensa. Ao comermos alguma coisa, por exemplo, é liberada certa quantidade de dopamina no cérebro, formando-se, então, esse circuito de recompensa. Normalmente, a dopamina é liberada em relação a uma função vital do ser humano, como comer, beber e fazer sexo. O prazer venéreo também produz uma liberação de dopamina; só que a quantidade de dopamina liberada, nesse caso, se comparada aos casos da comida e da bebida, é muito mais alta. Se, de fato, por causa da dopamina, o ser humano pode viciar-se em comida, imaginem o que acontece com quem vive desordenadamente a sexualidade.

O esforço por encontrar dopamina, ao se tomar contato com a pornografia, é muito menor se comparado com as outras atividades mencionadas, e a recompensa é muito maior e mais satisfatória por causa da quantidade de dopamina lançada no cérebro. E sabemos que, quanto mais consumimos a substância que nos vicia, mais se faz necessário aumentar a dose dela para

que tenhamos o mesmo prazer de antes. Isso acontece porque o cérebro libera, na fenda sináptica, uma quantidade muito grande de neurotransmissores e, por conseguinte, os receptores acabam se fechando, bloqueando a passagem desses neurotransmissores. Ao chegar uma quantidade menor de dopamina, em decorrência de uma outra atividade humana, como, por exemplo, a leitura, o estudo, o encontro com um amigo, as diversões em família, ela não entra nas células cerebrais, e a pessoa acaba se tornando apática e deprimida. A pornografia tem todas essas conseqüências. Além disso, há um segundo fenômeno, que é o da plasticidade neuronal. Os estímulos formam uma trilha no órgão cerebral, e acabam alterando a maneira como o indivíduo enxerga as outras pessoas. Então, o viciado em pornografia olha para o próximo e vê apenas sexo.

A exposição à pornografia e à nudez não faz com que nos dessensibilizemos, no sentido de normalizar a relação entre marido e mulher; faz, na verdade, com que essa relação não tenha mais graça. Infelizmente, é cada vez mais precoce a exposição a fotos e vídeos pornográficos. Foi visto nos EUAque a exposição inicial ao mundo da pornografia tem se dado, muitas vezes, quando as crianças ainda têm onze anos de idade. Por cada vez mais cedo tomarem contato com a pornografia, tornam-se cada vez mais reféns da própria neuroplasticidade, o que traz conseqüências gravíssimas, como a impotência sexual, a depressão, os pensamentos suicidas, a síndrome do pânico e o déficit de atenção. O vício em pornografia é caracterizado por: reincidência no contato com a pornografia, mesmo quando se tenta parar; contato com a pornografia no trabalho, na escola e na faculdade; muito gasto de tempo com conteúdo pornográfico. Por ser uma verdadeira adicção, como a droga, até síndrome de abstinência pode aparecer.

Diferentemente disso, o hormônio liberado na relação sexual é a ocitocina, que é o responsável por criar empatia e união entre as

pessoas. Isso de fato mostra que os seres humanos foram feitos para se unir, não para viver uma solidão sexual.

Exi s t e uma comunidade internacional chamada NoFap, cujo objetivo é ajudar as pessoas a pararem com o vício da pornografia e da masturbação. Em vários relatos, as pessoas contam que vencer esse vício foi importante para que reordenassem as os frutos colhidos, destacam-se o aumento da confiança, a menor irritação com os outros, mais clareza de pensamento, melhores habilidades sociais e mais disposição.

Computadores e celulares

É bom que o computador fique num lugar comum da casa, por onde todo o mundo passa. No caso do celular, o ideal é que as crianças só ganhem um o mais tarde possível, porque hoje a pornografia está a um clique de distância. Devemos, também, tomar cuidado com os filmes a que assistimos, não só para as crianças não verem, mas para nós também.

Se não tivermos autodomínio, por sermos reféns da dopamina, não conseguindo largar o vício, nos tornaremos incapazes de fazer qualquer coisa bem, nada terá sentido, e começaremos a ter até mesmo pensamentos suicidas.

É importante tentarmos ensinar os nossos filhos a viver a sexualidade da maneira como temos falado desde o início do livro. Nas situações em que os adolescentes estejam mais propensos a fazer algo que fira a dignidade da sua própria sexualidade, o medo os poderá frear. Precisamos, então, conversar com os nossos filhos sobre os malefícios da pornografia e da masturbação, mas sem irritação, histeria ou drama. Temos de alertá-los para o fato de que, caso cultivem esses vícios, serão incapazes de se relacionar saudavelmente com suas esposas, ou se sentirão inferiores por não conseguirem se comparar às mulheres da pornografia. E que consumir pornografia é uma maneira de mostrar que não se está nem aí para a vida do outro.

Temos de conversar com os nossos filhos, mostrando o mal concreto que a masturbação traz a eles e à sua sexualidade, ao relacionamento deles com os pais, à produtividade no trabalho, à vida social, à atenção, aos estudos, ao respeito para com as

pessoas do sexo oposto, etc., influenciando, inclusive, no aumento da agressividade deles e no aumento de casos de abusos sexuais. Também devemos falar que a pornografia não é algo viril, e está aquém da dignidade humana. Enfim, é indispensável que conversemos com os nossos filhos sobre todas essas questões, para que eles entendam o real motivo de se viver bem a sexualidade.

Ao lermos sobre o assunto da sexualidade nos livros de medicina, percebemos neles uma visão muito freudiana; chega a ser medonha a maneira como orientam os médicos quanto à sexualidade. Antigamente as pessoas achavam que a masturbação era causa de mais acne no rosto e diminuição de testosterona, mas isso é falso. A masturbação não causa um mal físico nesse sentido. O problema da masturbação não está na questão corporal propriamente dita, mas na visão que a pessoa adquire sobre a sexualidade — e, portanto, sobre o próprio ser humano e as relações humanas.

Não é para vivermos como naturalistas, é claro, afirmando que não há problemas com a masturbação. Pensar assim nos faz esquecer que é necessário ordenar a nossa natureza, não por ela estar totalmente corrompida, mas por estar decaída. Os nossos instintos não estão plenamente de acordo com a finalidade da natureza humana. Não há mais uma ligação entre eles e o bem da nossa alma. É fácil perceber isso, por exemplo, quando comemos mais do que devíamos; nesses casos, comemos não apenas para a nutrição do nosso corpo, mas também para fins gastronômicos e de prazer, deixando os impulsos falarem mais alto. Muitas vezes, descansamos ou trabalhamos em demasia. Precisamos, a todo momento, ajustar os nossos impulsos, que não são ruins em si, mas se desordenam e precisam de constante ajuste.

Conclusão

Espero ter ajudado você a ter um pouco mais de clareza sobre o que pensar e o que fazer em relação a esse assunto aparentemente tão espinhoso, e a respeito do qual tanto nós como nossos filhos recebem tantas influências externas, ainda mais nos dias de hoje. É importante, inclusive, que você comece a distinguir aquelas coisas que realmente pensa e com as quais realmente concorda, das que foram parar na sua cabeça, sem o filtro da reflexão. Analisem o conteúdo a que tiveram acesso com a leitura deste livro, façam anotações, escrevam as possíveis respostas que vocês dariam aos seus filhos, e como contariam a eles o que é a sexualidade, como se fosse um ensaio. Avaliem a situação dos filhos de vocês, dos alunos e sobrinhos, analisem em que fase do desenvolvimento eles estão — se na fase de latência, se na fase da adolescência; enfim, meditem sobre todas essas coisas para que vocês estejam munidos de ferramentas eficazes, para que, na hora em que as dúvidas e perguntas dos seus filhos vierem, vocês já saibam o que lhes responder. Não sejam pegos de surpresa.

Inúmeras situações e perguntas que não foram abordadas neste livro podem, e provavelmente vão, acontecer com vocês. Eu espero ter dado a você os princípios para que possam encontrar e conceber as respostas e as atitudes mais adequadas a cada caso. Afinal, a vida, as circunstâncias e os filhos são de vocês, e a responsabilidade de educar seus filhos é somente de vocês. Meu objetivo é apenas ajudá-los a criar critérios que formem um bom senso capaz de lidar com o caso concreto, tendo em vista, sempre, a natureza humana completa, que é animal e também espiritual, e as dimensões inseparáveis do ato sexual, que é unir no amor e estar aberto à geração da vida. Os corpos masculino e feminino não têm sentido se não forem complementares um ao outro: o homem tem uma metade do sistema reprodutor e a mulher tem a outra. A complementaridade sexual está no próprio desenho dos corpos humanos, e este é o grande símbolo do que é o amor, do dom de nós mesmos que devemos fazer.

E lembrem-se: estamos formando seres humanos, que, por definição, são livres. Por mais que eduquemos nossos filhos e lhes mostremos como as coisas são, eles podem decidir e optar pelo que quiserem. O importante é que, com a formação que nós lhes dermos, eles saibam qual é o caminho de volta para casa, caso se percam.

